



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO PLENA EM HISTÓRIA

LAMPIÃO DA ESQUINA: DESCORTINANDO O COTIDIANO GAY
ENTRE OS ANOS DE 1978 E 1981

PAULO SERGIO DOS SANTOS CAMPELO

**CAJAZEIRAS-PB
2016**

PAULO SÉRGIO DOS SANTOS CAMPELO

**LAMPIÃO DA ESQUINA: DESCORTINANDO O COTIDIANO GAY
ENTRE OS ANOS DE 1978 E 1981**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Graduação em História pela Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande UFCG/PB, como requisito para obtenção de nota.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos

**CAJAZEIRAS-PB
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

C193I Campelo, Paulo Sérgio dos Santos

Lampião da esquina: descortinando o cotidiano gay entre os anos de 1978 e 1981/ Paulo Sérgio dos Santos Campelo. - Cajazeiras, 2016.

79f.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2016.

1. Conflitos sociais. 2. Homossexualidade. 3. Lampião da esquina. 4. Violência. I. Ceballos, Rodrigo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU-316.48-055.34

PAULO SÉRGIO DOS SANTOS CAMPELO

**LAMPIÃO DA ESQUINA: DESCORTINANDO O COTIDIANO GAY
ENTRE OS ANOS DE 1978 E 1981**

Aprovado em _____/_____/_____

Prof Dr. Rodrigo Ceballos
Orientador

Profª Drª. Mariana Moreira Neto
Examinadora

Profª. Drª. Rosemere Olimpio de Santana
Examinadora

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto
Examinador

**CAJAZEIRAS
2016**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por proporcionar a realização de mais essa conquista e por sempre fazer com que eu o agradeça, por tudo que for conquistado.

À minha mãe e ao meu pai, bem como a minha irmã Claudia Campelo.

Aos meus colegas da turma 2009.2: Alexandre Ferreira, Anderson, Kátia, Clara, Wagner Rolim, Flávio Nunes, Noeme Tomaz, Rondineli, Sócrates, Regina Célia, Leidaiane, Adalberto, Ednaildo, João Batista, Edvaneide, Yslany, entre outros.

Aos meus amigos, José Ironildo Junior, Wagner Xavier Garrido, Miryan do Nascimento, Girleuda Lopes, Paulo Victor, João Vieira Júnior.

Ao Paulo, por proporcionar acesso às páginas do Lâmpião da Esquina.

Ao meu orientador, o Prof. Dr. Rodrigo Ceballos, vulgo Diguito, pelos conselhos, dicas e correções sem os quais este trabalho não teria sido possível. A você meu mestre que está junto comigo desde Introdução aos Estudos Históricos até o fim do Curso, meu muito obrigado.

Aos professores do curso de História, centelhas do saber: Silvana Vieira, Maria Lucinete, in memoriam Paccelli Gurgel, Chico Luíz, Viviane Gomes de Ceballos, Rosilene Melo, Rosemere Olimpio, Francisco Firmino S. Neto, Rubismar M. Galvão, Francinaldo de Sousa Bandeira, Mariana Moreira Neto, Osmar Luiz, Rodrigo Ceballos, Sérgio Rolemberg, Nozângela, Joachin Azevedo, Uelba, Ana Rita Uhle, vocês contribuíram para minha formação intelectual e crítica, prova de amor maior que essa não existe, está no sangue e vocês a fazem muito bem. Parabéns meus professores.

Agradeço particularmente ao prof. mais macho do CFP, Isamar Gonçalves Lobo, meu muito obrigado, mestre incontrolável do riso, jamais esquecerei de suas aulas e do saber com o qual pudemos compartilhar juntos. Em cada aula um riso, mas acima de tudo, uma novidade para aprender. Levarei sempre suas aulas e seu dinamismo comigo. Um professor faz-se dentro e fora da sala de aula, obrigado por ser mestre em todas as horas querido Lobo.

À família PIBID, Rosemere Olimpio, Jucicleide Dias, Maria Abreu, Thiago dos Santos Farias, José Clairton, Izabel Fernandes, com os quais passei momentos alegres e tristes de minha vida, vocês estão em meu coração.

Enfim, agradeço a todos os funcionários do Restaurante Universitário e da Universidade sem os quais esta Instituição jamais funcionaria.

À Guanabara por partilhar momentos de descanso e de prazer ao lado das pessoas que aprendi a gostar. A você, meu amor, esta parte da História.

RESUMO

A homossexualidade é uma identidade de gênero construída socialmente, sua construção remete ao século XIX, em plena era Vitoriana na Inglaterra. A homossexualidade foi concebida como uma anormalidade, doença comportamental, patológica. Posicionavam-se contra a homossexualidade discursos médicos, jurídicos, sociais e naturais. O objetivo deste trabalho é compreender a continuidade de tais discursos contra os homossexuais, em pleno século XX, entre 1978-1981, a partir do periódico *Lampião da Esquina*. O *Lampião da Esquina* é um periódico destinado às minorias, sobretudo aos homossexuais. Neste periódico o cotidiano dos homossexuais é descortinado, posto em discurso. Este cotidiano era marcado pelo preconceito e pela violência e será analisado aqui. É necessário atentarmos para o fato de que as identidades de gênero são construídas socialmente, são múltiplas, mas não naturais. O *Lampião da Esquina* partilhava de tal visão em suas páginas literárias. Assim, vemos surgir nos anos 1970 e 1980, este periódico que militava a saída dos homossexuais dos guetos, e nos alertava que as identidades de gênero, a sexualidade, são formadas a partir das relações de poderes.

Palavras Chave: Homossexualidade; *Lampião da Esquina*; Violência; Identidade.

ABSTRACT

Homosexuality is a socially constructed gender identity, its construction goes back to the nineteenth century, in full Victorian era in England. Homosexuality was conceived as an abnormality, behavioral disease, pathological. Position themselves against homosexuality medical discourses, legal, social and natural. The objective of this work is to understand the continuity of such speeches against homosexuals in twentieth century, between 1978-1981, from the *Lampião de Esquina* journal. The journal *Lampião de Esquina* is a journal for minorities, especially homosexuals. In this journal the daily lives of homosexuals is revealed, placed in to speech. This routine was marked by prejudice and violence and It will be analyzed here. It's necessary to pay attention to the fact that gender identities are socially constructed, they are multiple, but not natural. The *Lampião de Esquina* journal shared such visions in to his literary pages. Thus, we see emerge in the 1970s and 1980s, this periodical, that militated the exit of the homosexuals of the ghetto, and warned us that gender identity, sexuality, are formed from the relations of power.

Keywords: Homosexuality; *Lampião da Esquina*; Violence; Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 ENTRE SABERES E DISCURSOS: O SUJEITO HOMOSSEXUAL.....	17
1.1 Rebeldes com causa: Da contracultura aos periódicos coloridos.....	18
1.2 Pensando as relações de gênero, identidade e sexualidade por meio do Lampião da Esquina.....	23
1.3 Do regime militar aos periódicos coloridos: O que é homossexualidade?.....	25
1.4 Conhecendo o Lampião da Esquina e as teorias que combatiam.....	30
2 FAMÍLIA, ESTADO E SOCIEDADE: AS MÚLTIPLAS VIOLÊNCIAS CONTRA OS HOMOSSEXUAIS.....	38
2.1 A violência Familiar nas páginas do Lampião: A história dos homens tristes.....	39
2.2 Quem caça também come: Violência e disciplina policial sobre o corpo dos homossexuais.....	45
2.3 Violando os corpos para limpar a cidade.....	49
2.4 Edifício do prazer ou edifício da morte: O Holiday dos anos de 1970 e 1980.....	52
3 A LITERATURA: ESCRITA DE PRAZER OU ESCRITA COMO PODER?.....	56
3.1 Literatura e História: uma ponte para um saber construtivo.....	57
3.2 A literatura que questiona as identidades fixas.....	60
3.3 Descobrimo a paixão: uma literatura dos enamorados.....	67
CONCLUSÃO.....	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	75

INTRODUÇÃO

Em fins do século XIX e durante o século XX a sociedade foi influenciada por novos padrões identitários resultantes de inúmeros discursos, sejam eles políticos, religiosos e científicos, frutos de uma relação de poder que legitimaram dentro do espaço social as normas sobre a qual a sociedade deveria se pautar.

Nesta perspectiva, os sujeitos nascem dentro de uma sociedade construída historicamente e composta por leis na qual desde a infância até a fase adulta são moldados para agir não de acordo com as vontades individuais, sentimentos, mas de acordo com as regras que foram pré-estabelecidas para eles, impedindo que outras identidades se desenvolvam. É assim que homossexuais, bissexuais, lésbicas, mulheres e negros tornam-se as principais vítimas desta sociedade patriarcal, de fundamentos machistas e heterossexistas.

A homossexualidade ganhou destaque e visibilidade a partir da “imprensa nanica”, imprensa marginal, cujos temas centrais giravam em torno dos homossexuais, das lutas feministas, entre outros. Assim é necessário compreendermos que a homossexualidade não é tão atual quanto parece. A década de 1970 foi marcada por um processo de transformações culturais que o Brasil presenciou: o surgimento de grupos teatrais e musicais como os “Dzi Croquetes” e “Secos e Molhados”, os movimentos sociais em prol das mulheres, negros e homossexuais que lutavam contra as arbitrariedades de um regime opressor e, porque não, violador de direitos.

A imprensa alternativa denunciava casos de violência contra as minorias e uma delas foi o próprio *Lampião da Esquina*, surgido nos anos de 1978 e que durou até 1981, organizado por Darcy Penteado, João Silvério Trevisan, Aguinaldo Silva entre outros; sua última edição foi em junho de 1981, totalizando 40 edições publicadas mensalmente. Tal fonte será analisada aqui em três capítulos.

Tive acesso às fontes por meio de colega de meu orientador, Rodrigo Ceballos. Ele guardava todos os jornais impressos, sendo de minha responsabilidade fotografá-los página por página. Entretanto, devido a dificuldades pessoais no processo de fotografia preferi devolver a coleção do periódico e realizar busca na internet, onde os encontrei

digitalizados pelo Grupo Dignidade¹ coordenado pelo pesquisador e historiador Luiz Mott, da Universidade Federal da Bahia. Este achado ajudou-me na celeridade no processo de pesquisa.

O termo “esquina” no título do jornal é esclarecedor e apesar de não apresentar os motivos pelo qual levou à sua denominação, podemos observar que o seu termo remete ao “ponto de parada” das minorias, onde estão às prostitutas, os travestis, os próprios homossexuais. Segundo Aguinaldo Silva, jornalista do Lampião da Esquina, a princípio o periódico iria chamar apenas Esquina, porém já havia registro na imprensa com esse nome. Então decidiram pelo nome “Lampião da Esquina”, já que Lampião remete ao símbolo do machismo no Nordeste. O próprio logotipo do jornal é a representação simbólica do cangaceiro Lampião. Assim, segundo Aguinaldo Silva, foi uma forma de brincar com os leitores.

Logo podemos compreender que o jornal era destinado às minorias sociais, a todos aqueles que faziam das esquinas, dos locais marginalizados, dos pontos de encontros, palco de suas histórias. Lampião da Esquina estava atento a todas as notícias que envolviam a comunidade homossexual, seja dentro ou fora do Brasil. Assim, notícias como a violência contra os homossexuais na Argentina, na China, nos Estados Unidos foram presentes nas páginas do Periódico.

O Lampião da Esquina foi inspirado em um jornal norte americano:

Inspirado no jornal norte-americano “Gay Sunshine”, surgiu no Brasil, em abril de 1978, em plena ditadura, o jornal “O Lampião”, retratando o ponto de vista dos homossexuais sobre diversas questões, inclusive a sexualidade. Um grupo de jornalistas e escritores do Rio e de São Paulo se uniram em torno do projeto, alimentando uma publicação que abriu caminhos para a imprensa da época, abordando temas polêmicos naqueles dias, como racismo, aborto, drogas e prostituição. (PEREZ, 2016).

Podemos observar que o Lampião da Esquina dava visibilidade ao que acontecia com as minorias, seus medos, angústias, as violências a que eram submetidos, os desejos, sonhos, etc. O periódico veio assim para alertar aos leitores o que acontecia na nossa sociedade, orientando que o tratamento a que os homossexuais eram submetidos

¹ www.grupodignidade.org.br acessado em 10 de setembro de 2010.

era resultante de toda uma construção social. Uma construção identitária herdada da Era Vitoriana no século XIX.

Logo, podemos observar que o tratamento negativo para os homossexuais, homoafetivos, vem de uma perspectiva legitimada pelos saberes médicos e teóricos do século XIX, concebendo a homossexualidade como uma doença, anormalidade ou anomalia; aliás, o próprio conceito de homossexualidade é uma criação da época.

A pesar do século XIX anunciar o seu término, seus discursos e formas de disciplinamento para os corpos anormais continuarão no século XX, sendo até mesmo criadas novas táticas disciplinares. Os olhares que vigiam, punem e domesticam os corpos se firmará sob aqueles que infligem a moral humana, principalmente no campo da sexualidade. E a perseguição aos homossexuais neste século XX foi uma herança legitimada pelo século XIX.

O século XIX não apenas legitimou as práticas de disciplina para com o homossexual como também formulou este conceito. Para entender o século XX e seu posicionamento sob a homossexualidade é necessário conhecermos um pouco sobre o século que o precedeu.

Sendo assim, para Foucault (1997, p. 47): “Com o século XIX teremos o surgimento de um novo conceito dentro dos padrões sexuais contidos na sociedade, que emergirão com os saberes da medicina e da psiquiatria enquanto terapêutica”.

São estes saberes que terão por objeto de estudo os homens e como análise científica suas práticas e desejos possibilitando a emergência de conceitos tais como heterossexualidade e homossexualidade. A homossexualidade foi constituída como uma doença, um desvio que deveria ser tratada por meios psicológicos ou práticas médicas.

Em contraposição, a heterossexualidade era vista como uma prática que tinha por meio garantir a reprodução da espécie humana e sua inserção em um mundo capitalista. Mesmo garantindo a sobrevivência da espécie, a heterossexualidade foi tão disciplinada quanto a homossexualidade: uma exigência da estrutura econômica social burguesa.

Em suma, o século XIX foi influenciado pelo desenvolvimento econômico e pelas ciências naturais que legitimarão e hierarquizarão a sociedade, seja sob a ótica econômica, seja sob a ótica sexual.

Segundo Torrão (2000, p. 280): “O que não havia era a classificação médica das pessoas em homo e heterossexuais. Isso sim inventou-se no século XIX”. Se a homossexualidade, enquanto conceito, teoricamente foi inventado no século XIX, o homoerotismo ou a homoamizade existiu desde a antiguidade clássica; refletir um pouco sobre estas práticas é de extrema importância, uma vez em que não se pode compreender o século XIX e suas ações sem tentarmos conhecer o passado.

Em suma, as Ciências Naturais do século XIX legitimaram o lugar do homossexual construindo um novo perfil identitário, porém relações homoafetivas eram frequentes nos séculos que antecedem o século XIX: relações de amizade e fidelidade, entre outras.

Sendo assim, a homossexualidade resistiu ao aparelho repressivo criado pelo estado e legitimada por uma série de saberes, sejam eles médicos, jurídicos, entre outros. Práticas que com seus discursos criaram todo um disciplinamento para os corpos, toda uma fronteira de normalidade e anormalidade, do certo e do errado, nivelando também os espaços sociais, onde os lugares das margens seriam as esquinas, os guetos. É contra todos esses discursos, toda essa realidade segregacionista, machista e hostil, que as minorias vêm resistir, e que o *Lampião da Esquina* vem dar vez e voz. Afinal, o *Lampião da Esquina* também é um discurso de positividade.

Segundo Foucault (1997, p. 97): “Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia”. Sendo assim, torna-se necessário observar quais são os discursos que são postulados ou divulgados na sociedade brasileira dos anos de 1970 sobre a homossexualidade a partir do periódico “*Lampião da Esquina*”.

O *Lampião da Esquina*, segundo Aguinaldo Silva, tinha uma tiragem mensal de 25.000 exemplares. Existia uma parcela de leitores significativa, leitores estes de diversos estados, e que manifestavam seu apoio a criação de um jornal para as minorias. É necessário compreender que os leitores também contribuía para o *Jornal* com

críticas, sugestões, especialmente na seção chamada “cartas na mesa”. Porém, para além das cartas na mesa, tinha-se também a seção de entrevistas que o Lâmpião utilizava para se aproximar e conhecer um pouco da vida de algumas celebridades homossexuais, lésbicas, etc. Enquanto que as cartas na mesa era um espaço de participação mais popularizado, a seção de entrevistas era mais restrito e elitizado.

Assim podemos compreender que com o Lâmpião da Esquina, os homossexuais e as minorias falam de si, produzem seus próprios discursos, se posicionam e confrontam os discursos “normativos”, estes legitimado pelas Ciências Naturais e Sociais. As minorias do Lâmpião produziram assim suas verdades.

Historicamente, todos aqueles que se sentem confrontados pela relação de poderes civis, religiosos, militares, jurídicos, políticos, científicos produzirão verdades que tentem modificar ou estabelecer a estrutura vigente. Assim, dentro de uma estrutura social teremos uma multiplicidade de verdades. Em suma, cada verdade criada é uma resistência firmada e uma estrutura social que se tenta modificar. Apesar do século XIX produzir e disseminar suas verdades e seus saberes, estes ainda estão presentes na mentalidade do século que se segue.

Assim, o século XX no Brasil, especificamente as décadas de 1970 e 1980, detém ainda uma visão holística, tradicional e imperante que o século anterior legitimou sobre a homossexualidade; visão esta confrontada pelos novos estudos que se faz sobre a homossexualidade, afirmando que a mesma não é uma doença, algo patológico, mas uma opção sexual, uma categoria de gênero.

Segundo Scott (1995, p. 4), “Entende-se por gênero uma categoria conceitual construída socialmente, subjetivamente, a partir das experiências sociais, não podendo ser analisado sob a óptica do determinismo biológico”. Nesta perspectiva, no amplo estudo que se fez sobre as relações de gênero podemos perceber que homossexualidade não parte da perspectiva natural, biológica, mas das relações sociais do indivíduo na qual está submetido.

Os discursos de resistência e sobre como a homossexualidade era concebida estão mudando a partir dos estudos de gênero. O século XX não é apenas o discurso feito por grandes intelectuais dentro de comunidades acadêmicas. Eles estão também

firmados na sociedade devido a imprensa jornalística. Uma que ganhou destaque entre 1970 e 1980 foi o periódico “Lampião da Esquina”, como dito anteriormente.

Seu contexto histórico remonta à época da ditadura militar iniciada em 1º de Abril de 1964 e terminada em 1985; uma época conturbada principalmente para a mídia que teve sua liberdade de expressão cessada pelo Ato Institucional N. 5. Apesar disto, a ditadura militar não estabeleceu um conflito contra os homossexuais, do ponto de vista das identidades de gênero, afinal não era crime no Brasil ser homossexual, mas sim contra os defensores das teorias comunistas, os subversivos, entre outros. O que fazia-se era prender os homossexuais e alegar contra ele determinada espécie de crime, atentado ao pudor, porte de drogas, etc.

“Lampião” foi a voz das minorias, o discurso de muitos marginalizados que saíram do silêncio e aos poucos foram ganhando espaço nas seções do jornal, sejam elas de reportagens, entrevistas e “cartas na mesa”, onde se tinha por objetivo estabelecer uma relação direta com o público leitor. Seu público contribuía com sugestões, reclamações e apelos

As cartas na mesa possibilitou-nos conhecer um pouco dos leitores e de seus lugares de fala e representação. Afinal, escrevia para o jornal leitores de diversos Estados do Brasil. O homossexual existe juntamente com seus movimentos de liberdade e respeito que será um dos focos do periódico “Lampião da Esquina”, como também a realidade do cotidiano *gay* marcado pela violência e discriminação. O jornal torna-se o clamor dos angustiados marginalizados, a voz dos necessitados.

Nesta instância, este presente trabalho se desenvolverá a partir de um enfoque sobre a homossexualidade, situando-se entre os anos de 1978 e 1981, cujo objetivo será elucidar como o periódico representa o perfil e uma outra realidade dos homossexuais, o cotidiano marcado pela violência que os mesmos enfrentam e como a literatura pretende questionar as identidades de gênero, descrevendo por meio de contos, trechos de livros, etc. que as mesmas são construções sociais e por isso plurais.

Assim, será trabalhado as notícias de violências, as páginas literárias, bem como a opinião dos leitores do Lampião da Esquina sobre a dificuldade que eles enfrentam no dia-a-dia. É necessário observarmos que os leitores do periódico não eram apenas homossexuais, mas também heterossexuais. Além disso, é notório observar que o jornal

percorreu e alcançou muitos estados brasileiros, não se limitando apenas à região de sua criação.

Pretendo contribuir, assim, para que esta análise não seja simplesmente uma realidade do ser homossexual e do seu cotidiano, mas um discurso que elucide e proponha novas representações que confrontem poderes e discursos já existentes e que abra espaços para outras pesquisas e novas resistências.

A obra constará de três capítulos feitos a partir da análise crítica do periódico “Lampião da Esquina” e de livros que discutam a temática.

Para o primeiro Capítulo intitulado **Entre saberes e discursos: o sujeito homossexual** propõem-se uma discussão teórica cujo objetivo é o de refletir que a homossexualidade nos anos de 1978-81 é resultante de uma série de concepções médicas, jurídicas e sociais que surgiram no século XIX, na Inglaterra, conhecida como a Era Vitoriana. Feito isso, o capítulo disserta sobre o que era a homossexualidade na década de 1970, a influência dos movimentos contraculturais e a percepção clínica, jurídica, etc. sobre a homossexualidade.

Para o segundo capítulo intitulado **Família, Estado e Sociedade: As múltiplas violências contra os homossexuais** a discussão sobre a homossexualidade tenderá para um enfoque voltado para a área jurídica, sociológica, criminal, médica, em que tentarei discutir as manifestações de preconceito de gênero, e como tais manifestações se evidenciaram por meio de violências físicas, verbais, carnais, entre outros. Compreendendo que as violências são efeitos de discursos construídos socialmente, construções essas que dão-se no nível do discurso e estendem-se na prática. Logo, será analisado as violências policiais, familiares, entre amantes, médicos, etc. à qual os homossexuais eram submetidos.

Para o terceiro capítulo intitulado **A Literatura: Escrita de prazer ou escrita como poder?** Se propõe relatar como a literatura do jornal possibilita que novas visões sejam reelaboradas para com as práticas identitárias de gênero, percebendo que estas são construções sociais e por isso não podem ser naturalizadas; logo, as identidades que os sujeitos assumem ao longo da vida são múltiplas, plurais, variáveis. Logo, o objetivo é compreender como a literatura homoerótica está associada com a realidade de muitos

sujeitos sociais, onde as páginas de ficção estão permeadas por uma realidade discriminatória e hostil vivenciada pelos homossexuais.

Assim, espero que esta pesquisa propicie que outras possam ser elencadas, analisadas e problematizadas, de modo que a homossexualidade possa ser pesquisada por diversos pesquisadores nas mais variáveis áreas, principalmente nos dias de hoje, época ainda marcada por forte conservadorismo político, com representantes como Bolsonaro, Silas Malafaia, Marcos Feliciano, que ainda contribuem com seus discursos para uma forte repressão aos homossexuais. Isto nos leva a pensar como a Era Vitoriana permanece enraizada em muitos de nós. Mas vivemos também uma época marcada pela resistência de mulheres como Maria do Rosário, Dilma Rouseff, Luciana Genro e também dos movimentos LGBTs, e claro do deputado Jean Willys, que resiste contra a opressão e o preconceito firmado por seus algozes no Congresso. Assim, para Jean Willis e para todas as mulheres e membros dos movimentos de minórias, esta escrita é para vocês.

CAPÍTULO 1

ENTRE SABERES E DISCURSOS: O SUJEITO HOMOSSEXUAL

A década de 70 e 80 no Brasil é marcada por uma série de “revoluções sociais” sejam estas contra o sistema político, seja contra a cultura heterocêntrica e patriarcal que ditava as normas e enquadravam os sujeitos em determinados espaços sociais. Assim, podemos observar que nas cidades, os espaços públicos, bares, danceterias, clubes só podiam ser habitados ou frequentados por pessoas ditas normais, ou melhor, que se encaixavam as normas heterocêntricas de afetividade. Aos que fugiam de tais práticas, como por exemplo, os homossexuais, caberiam a eles o espaço da clandestinade, dos guetos, das ruas e becos escuros, a margem, a periferia.

Entretanto cabe-nos perguntar por que os homossexuais ficavam ou preferiam os guetos, mesmo estes sendo perigosos? O gueto era o espaço de uma possível liberdade, era onde os homens podiam “transar”, “xavecar” e “paquerar” com os outros; livrar-se do seu disfarce e pôr em prática sua própria identidade. Era o local onde eles podiam se ver distantes mesmo que por algumas horas dos rótulos impostos socialmente. Rótulos estes que os caracterizavam como doentes tristes e pecadores. Os guetos eram locais onde os homossexuais podiam assim realizar-se em sua plenitude.

É contra os guetos e a desumanização dos sujeitos homossexuais que o Conselho Editorial do Lampião da Esquina vem se posicionar:

O que Lampião da Esquina reivindica em nome dessa minoria é não apenas **se assumir** e **ser aceito** o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas lhes negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, tem todo o direito de luta por sua plena realização enquanto tal. (1978, p.02).

O Lampião da Esquina por ser um periódico que surge em 1978, tem em seu conselho editorial composto por grandes intelectuais: Aguinaldo Silva, Peter Fry, Darcy Penteado, Trévisan, entre outros, estes influenciados pelos movimentos da contra cultura que surgiu nos EUA. O que Lampião da Esquina vem nos propor nestas décadas e em suas páginas é justamente uma nova imagem para o homossexual, a de que ele é antes de tudo um ser humano, e não um doente, pecador e criminoso. Visava-se assim romper com os ideais fortemente criados no século XIX na Europa. O objetivo deste capítulo é observar a influência da contracultura no Brasil, na formação de movimentos

homossexuais a lutar contra o plano ideológico “heterocentricista” e como o Lâmpião da Esquina fora um movimento de intelectuais que veio a dar voz aos oprimidos. Assim, será descrito aqui as formas de representação em torno dos homossexuais nas décadas de 70 e 80 no Brasil, e de como tal imaginário fora fortemente marcado pelos discursos do século XIX.

1.1 Rebeldes com causa: Da contracultura aos periódicos coloridos.

Durante as décadas de 1960 e 1970 vimos florescer no Brasil uma onda crescente de protestos contra o sistema político brasileiro. Estes descontentamentos não se traduziram apenas nesta esfera, mas também contra uma sociedade patriarcal vigente, machista e excludente. Estes protestos foram influenciados pelos movimentos sociais que aconteciam nos Estados Unidos, conhecidos como “movimentos de contracultura”.

A contra cultura norte-americana era composta por jovens que vivenciavam uma divisão do mundo em dois grandes blocos hegemônicos, a Rússia e os Estados Unidos, cada qual determinando suas influências e estendendo seus tentáculos políticos e econômicos em suas áreas de influência. No Brasil, a influência norte-americana é intensa principalmente por apoiar a ditadura e estabelecer relações econômicas. Os jovens da contracultura norte americana não apenas debatiam política e economia, mais passaram a questionar os comportamentos vigentes, tidos como culturalmente aceitáveis e normalizadores.

Sexo, família, loucura, espiritualidade, entre outros aspectos do cotidiano, passaram a freqüentar a pauta dos debates até então preferencialmente voltada para a análise econômica e política, fazendo transbordar os conflitos da esfera privada para a pública. (CAPELLARI, 2007, p.24).

É interessante observarmos que a juventude norte-americana e seus protestos contra a Cultura opressiva influenciará os jovens de outros países a assumirem assim o papel de protagonistas nos processos políticos, econômicos e culturais de sua própria nação; os estudantes não eram apenas contempladores do processo histórico a sua volta, mas transformadores do mesmo. Em cada barricada, protesto e guerrilha era o estudante fazendo sua ação, legitimando seu poder e sua influência enquanto cidadão brasileiro. Para Capellari (2007, p. 24) “as grandes passeatas estudantis que marcaram o período imediatamente anterior ao AI-5 no Brasil costumavam combinar repúdio à ditadura e

repúdio à interferência estrangeira, sobretudo norte-americana, no governo e na economia nacionais”.

As revoluções juvenis contraculturais eram um fato imprescindível na História, visto que ela aconteceu nos EUA e se disseminou para o Brasil, e para a Europa sobretudo na França em maio de 1968, como nos indica Capellari:

Em 1968, ano em que a rebelião estudantil atingiu seu paroxismo no “maio” francês, o fenômeno passou a freqüentar a pauta dos debates da esquerda. Em um deles, publicado com o título “A irrupção”, intelectuais assombrados tentavam, no calor da hora, encontrar respostas para um fenômeno que não estava previsto na tradicional equação marxista segundo a qual o proletariado seria o portador por excelência do élan revolucionário. (2007, p.27).

Logo, podemos observar que no Brasil acontece o mesmo, os intelectuais marxistas assombram-se com o poder e com a força da juventude brasileira, com sua sede e desejo de uma revolução no campo cultural, no campo comportamental e afetivo. É notório assim que o Brasil torna-se palco de espetáculos revolucionários de diversas vertentes onde seus protagonistas, negros, mulheres, operários, homossexuais, estudantes, vêm deixar o seu recado e proclamar os seus apelos.

As formas pelas quais os estudantes, os jovens, vão se expressar frente à conjuntura política e cultural do Brasil, são as mais variáveis possíveis, desde aos protestos de ruas, caminhando com faixas na mão e gritando contra as opressões da sociedade, até os grupos de guerrilha mais radicais que praticavam assalto a mão armada e até mesmo sequestros para arrecadar munições para combater os militares, ou para libertar seus amigos e parentes presos politicamente.

Uma das formas mais interessantes de protestar feita pelos grupos da contracultura brasileira deu-se no campo estético das artes, sejam elas do teatro ao campo musical. Segundo Alves e Silva (2012, p.02) “o que fica mais evidente é que a contracultura teve mais expressão nas artes em geral, com seus valores estéticos e intelectuais, principalmente na música, exemplo disso é o tropicalismo”.

A arte do Tropicalismo nos seus padrões estéticos e musicais sofrerá com a instituição do AI 5 em 1968, seus integrantes partirão para exílio e o grupo passará a extinguir-se. Nessa época, nos anos de 1972 e 1973, surge um grupo segundo Alves e Silva, completamente reacionário culturalmente: o grupo Secos e Molhados.

Com o exílio, dos expoentes do movimento a Tropicália se extingue devido às ações do AI-5, mas vem para o Brasil, alguns referenciais do underground estadunidense, somando com as ações estéticas deixadas pelo Tropicalismo, que se tornou referencial para outros segmentos musicais; como Secos&Molhados que veio surgir entre 1972 e 1973. (2012, p.05).

O grupo Secos e Molhados era composto por João Ricardo, Gerson Conrad e Ney Mato Grosso. Suas apresentações atraíam um público bastante heterogêneo, que não apenas frequentavam os shows para ouvir e dançar sob suas músicas, mas também para apreciar as performances de Ney Mato Grosso. A estética apresentado pelo cantor rompia diretamente com os padrões morais imperantes na sociedade.

Segundo Vargas (apud BAHIANA, 2010, p.09), “o Secos & Molhados calca-se em três elementos básicos e saudavelmente inovadores, dentro do panorama da música nacional: a bela voz de Ney Matogrosso [...], o espetáculo altamente visual, com maquiagem e movimentação até mesmo sexualmente ambígua, e a inclusão de textos de poetas”.

Secos e Molhados fora assim um dos grupos mais marcantes do processo contracultural da década de 70 no Brasil. Possibilitou ao público desenvolver olhares e pensamentos para as múltiplas identidades de gênero através da pessoa do Ney Matogrosso, possibilitando também uma série de críticas aos conceitos de masculinidade e feminilidade imperantes na época.

As imagens de Ney Matogrosso no palco demonstram aspectos curiosos: sua figura é altiva (peito nu estufado e cabeça erguida) mesmo de pés descalços, os olhos são arregalados, a voz aguda é marcante, movimentos exagerados da boca marcam a pronúncia das palavras, movimentos de quadris insinuam outros códigos, penas, colares e lantejoulas bailam com o corpo, séries de movimentos de dança ou completamente livres sobre o palco transformaram-se em códigos de desprendimento. Não eram movimentos ensaiados e sempre iguais. Nas criações, o improviso, a criatividade e a liberdade eram seguidas espontaneamente pelos três. (VARGAS, 2010, p.11).

Podemos observar que o grupo Secos e Molhados questionou por meio de suas apresentações, de seus visuais, os padrões estéticos, sociais, morais da época. A influência da contracultura americana e do tropicalismo permitiu assim refletir, repensar e questionar as relações de gênero, concebendo estas, como construções sociais. Segundo Silva e Alves, (2012, p. 05), “Nesse contexto de novos questionamentos, no

início da década de 1970, surge a vanguarda do *Desbunde*, que tratam da ruptura do sistema, pela via do comportamento, a quebra dos padrões ocidentais”.

Influenciados pelos movimentos de contracultura no Brasil os jovens brasileiros passam a questionar os padrões de masculinidade e feminilidade, assumem novos comportamentos ditados por este “desbunde”, fazem da contracultura, uma bandeira de luta por direitos e liberdade.

Os jovens da contracultura tinham seu visual configurado pelo uso dos cabelos longos, das roupas multicoloridas. Outorgavam para si uma vida de “paz e amor”, sem guerras, com a liberdade de expressão. Devotavam-se a meditação e um apego às religiões orientais. Para os jovens da contracultura no Brasil, o mundo capitalista não é tão importante, pelo contrário é ameaçador, legitima o nivelamento social, a hierarquia, a violência, ou seja, ia contra todos os ideais que eles defendiam.

Queriam viver a vida como “pássaros”, sem local fixo para morar, juntando-se a outros pássaros e tendo liberdade para ir a qualquer lugar, sem dar satisfação a alguém. Logo, eles renunciavam aos ideais de subordinação e aprisionamento social, tecendo críticas tanto aos governos de direita quanto de esquerda.

Segundo Capellari (2007, p.17), “Sexo, família, loucura e espiritualidade, entre outros aspectos do cotidiano, passaram a freqüentar a pauta de debates até então preferencialmente para a análise econômica e política, fazendo transbordar os conflitos da esfera privada para a pública”.

Os jovens da contracultura expuseram seus corpos socialmente, impuseram seus desejos, suas práticas e concepções de mundo, utilizando de diversos mecanismos, para legitimar seu grito de protesto, seja “grafitando” nas paredes, seja ouvindo e dançando ao som do rock ou até mesmo refletindo sobre o efeito das drogas LSD.

A contracultura assim era composta por muitos jovens que lutavam por uma sociedade mais democrática. Era comum, inicialmente, que estes jovens filiassem aos partidos clandestinos de esquerda, mas a partir do momento que eles perceberam que os membros dos partidos eram tão ou mais conservadores que os partidos de direita, em matéria sexual, eles compreendiam assim que a luta social deveria ser apartidária, ou seja, sem vínculos ideológicos estatizados.

Para os políticos partidários da Direita e a mídia os jovens da contracultura eram marginais, rebeldes e criminosos, sem esperança e perspectiva de vida. Eram tidos como anormais cuja informações e discursos que eles proferem enquanto movimento social e por meio de uma imprensa alternativa, marginal, eram percebidos como falsos, mentirosos e enganadores.

Os discursos de liberdade e ação pelos quais os grupos da contracultura se expressavam eram permeados por questões que envolviam a sexualidade, pois os mesmos queriam viver uma “vida sexual livre”, sem estarem presos às regras tradicionais. Nos discursos oficiais e religiosos o sexo era compreendido apenas como meio de procriação. Procriava-se não apenas para garantir a felicidade de Deus cumprindo os preceitos bíblicos mas para contribuir para a manutenção do Estado, para garantir a vida do Estado, uma vez que não existe Estado sem pessoas. Estado, Saúde e Poder caminhavam juntas no Regime Militar.

Os jovens da contracultura lutavam para expor e impor sua sexualidade. Os “Neys Matogrossos” foram muitos neste *boom* social, as lutas foram as mais variadas possíveis. Porém, a liberdade e os direitos sexuais foram as pautas mais marcantes na década de 1970, como fora descrito anteriormente.

Sexo sem compromisso, heterossexual, homossexual, bissexual ou mesmo em grupo era a expressão, no universo da afetividade, do desejo por novas experiências, de descobrir o que até então a sociedade pudica havia omitido, escondido, reprimido com a alegação de que, se aberta, a caixa de Pandora libertaria monstros que destruiria a santa moralidade cristã. Experimentar significava abrir os olhos para o novo, para as delícias que, trancafiadas pelos censores sociais, estavam lá, à mão, bastando estendê-las para além das repressões sociais internalizada. (CAPELLARI, 2007, p.49).

A prática sexual que a contracultura defendia deveria assim ser livre, pois em nenhum momento ela afeta a moral cristã, mas pelo contrário, é a moral cristã que afeta a liberdade sexual e a de seus praticantes, com suas regras, códigos de conduta e postura. Para a Igreja, só existe uma forma correta de exercer a sexualidade, aquela que acontece entre um homem e uma mulher cuja utilidade é garantir a reprodução e a salvação da humanidade. Fora dela, as demais práticas sexuais, seja entre homens e

homens, sejam entre mulheres e mulheres, são dadas como inúteis, pois impossibilita a procriação, a garantia da espécie humana.

É assim que podemos observar que os movimentos da contracultura lutavam contra o preconceito, suas lutas eram por mais amor, mais prazer e gozo, não importa em que corpo. Desestabilizar as teorias científicas e sociais sobre os homossexuais era uma de suas metas, como nos indaga Freire (2002, p.23): “o homem homossexual nada mais é que uma realidade linguística, e não uma realidade natural”.

Logo, podemos compreender que homossexualidade e heterossexualidade são realidades lingüísticas criadas a nível de discurso, cujo objetivo seria suas reproduções na sociedade. A homossexualidade até então na década de 70, era compreendida e analisada principalmente pelo viés médico, psiquiátrico, psicológico e jurídico. Porém influenciados pelos movimentos sociais, contraculturais, as discussões se estendem para o campo das ciências humanas, onde inúmeras produções e pesquisas serão desenvolvidas seja no campo sexual, identitário, e de gênero.

1.2 Pensando as relações de gênero, identidade e sexualidade por meio do Lampião da Esquina.

Uma produção que discutiu e nos fez pensar as noções de gênero, identidade e sexualidade foi o periódico Lampião da Esquina, criado em 1978-1981 e composto por grandes intelectuais de diversas formações acadêmicas, como será descrito ao longo do capítulo.

O periódico Lampião da Esquina nos faz pensar a sexualidade, seus papéis, imposições, limitações não mais em termos biológicos, naturais, mas acima de tudo como construções sociais. O intuito dele é “despatologizar” os homossexuais, mostrar que eles não são doentes, desviantes ou marginais como circulava o pensamento dominante.

O desejo do periódico é retirar os homossexuais dos guetos, dos becos escuros, das Esquinas e impô-los nas ruas, na luta e na busca por melhorias. Destinado aos seres que viviam na Esquina, o Lampião da Esquina, outorgavam os sujeitos a serem militantes, contraculturais. A cartografia do Lampião era esta, das bancas para as esquinas e becos, e destes, para as ruas.

Será analisado assim ao longo do capítulo quais as teorias a respeito da homossexualidade eram presentes no Brasil das décadas de 1970-1980, e que tiveram suas definições firmadas no século XIX. Logo, é viável compreendermos que entre um século e outro não existem apenas mudanças, mas também continuidades, permanências e o preconceito contra homossexuais é apenas uma delas.

Por enquanto, prossigo analisando quais as teorias dominantes que envolveram o homossexual no século XIX e que permaneceram no século XX. A homossexualidade sempre existiu? E porque os teóricos, os jornais e periódicos sobretudo o “Lampião da Esquina”, que é minha fonte de análise no século XX, se preocupam tanto em desmitificar essas teorias “antigas” para com os homossexuais, fazendo deles um objeto de vontade de saber? A hipótese provável é que, quando falamos em homossexualidade existe uma série de preceitos, de conhecimentos que se justapõem ou contrapõem-se. Ao mesmo tempo que temos discursos científicos que tratam o homossexual enquanto doente, criminoso, desviante, teremos discursos jornalísticos, científicos, jurídicos que lutam contra tal visão e posicionamento.

A transformação de uma prática discursiva está ligada a todo um conjunto, por vezes bastante complexo, de modificações que podem ser produzidos tanto fora dela (em formas de produção, em relações sociais, em instituições políticas), quanto nela (nas técnicas de determinação dos objetos, no afinamento e no ajustamento dos conceitos, no acúmulo de informação), ou ainda ao lado delas (em outras práticas discursivas.). (FOUCAULT, 1997, p.12).

As teorias discursivas à respeito da homossexualidade são resultados de uma série de fatores que as constroem e as desconstroem, permeadas assim por relações de poderes, que partem da família, das instituições políticas (estado e partidos), instituições educativas, jurídicas e das próprias científicas que legitimam outros discursos para a homossexualidade.

Desmistificar os discursos até então dominantes sobre a homossexualidade só é possível quando houver uma racionalização e conscientização social, uma vez que o poder repressivo não está no Estado, não parte dele, mas da própria sociedade. Ele também parte de baixo para cima. A repressão do conservadorismo existente no período contra os homossexuais é apenas um dos efeitos das múltiplas repressões sociais. É

nessa perspectiva que os grupos contraculturais, os “jovens rebeldes”, tinham não apenas uma causa para lutar, mas várias.

Suas lutas eram assim contra a opressão social que se estabeleciam para com as minorias, homossexuais, lésbicas, mulheres, operários, e claro contra todo partido político que legitimam tal opressão e repressão. É nesse sentido que os jovens de cabelos longos, barbas compridas, roupas coloridas favoreceram o surgimento de vários movimentos sociais, e suas lutas por direitos e igualdade social. Eles ditaram modismo não apenas no campo das vestimentas, mas no campo das lutas ideológicas, posicionando-se assim não apenas contra a sociedade e suas estruturas patriarcais, mas também contra o regime militar, instaurado no país recentemente, e contra as teorias científicas que anormalizavam o homossexual.

É necessário compreendermos agora como o regime militar no país fora instaurado a ponto dos movimentos de contracultura se posicionarem contra ele e, claro, compreendermos como os homossexuais eram vistos nestas décadas de forte repressão.

1.3 Do regime militar aos periódicos coloridos: O que é homossexualidade?

Era Março de 1964. O presidente do Brasil, João Goulart, conhecido popularmente por Jango é deposto do cargo presidencial pelas forças militares do país. Alegavam que o presidente era uma ameaça ao desenvolvimento político e econômico da Nação por compartilhar com os ideais de esquerda, o comunismo. Esta doutrina aos olhos dos militares levaria a nação ao fracasso econômico, social, moral e político. A partir da saída de Jango do poder, o Brasil deveria ser governado por homens capazes de elevar o Brasil à condição de país desenvolvido e industrializado, um país rico sem fome e sem miséria. Estes homens seriam os militares. Por meio dos presidentes militares, Castelo Branco (1964-1967), Costa e Silva (1967-1969), Médici (1969-1974), Geisel (1974-1979) e Figueiredo (1979-1985) o Brasil entraria assim rumo a Democracia e ao Desenvolvimento.

Tanto a opção dos militares pelo alinhamento ativo no campo norte-americano e a forte assimilação dos postulados estratégicos da guerra fria quanto as suas hostilidades aos sindicatos e as forças progressistas foram definidoras de suas investidas, durante todo o regime militar, para construir um ideário de democracia, no qual sobressaía a insistência na necessidade de criar, desenvolver e preservar o que eles

denominam de responsabilidade democrática. (REZENDE, 2013, p.66).

Os militares presidenciais tinham por objetivo garantir os valores morais do povo brasileiro, mostrando assim a “segurança pública” da Nação em prol do seu desenvolvimento, do progresso, onde toda manifestação em oposição ao regime militar era considerado de cunho esquerdista. Durante os anos que se seguem no regime militar, sindicatos foram fechados, greves foram postas na ilegalidade, estudantes foram presos, torturados e até mortos, e muitos políticos foram exilados do país. Os militares com seus instrumentos “diabólicos” de obtenção da “verdade” – pau de arara, afogamento, geladeira, cadeira do dragão, pimentinha, lesões físicas, entre outros –, faziam com que os acusados por crimes políticos, atentados ao pudor, vadiagem, confessassem e assumissem seus crimes, bem como obrigando os mesmos a denunciarem seus amigos “criminosos”.

As táticas de obtenção de uma verdade feita pelos militares consistiam em demonstrar para o povo que eles estavam trabalhando pelo país. Ao extrair a verdade dos depoentes, os militares queriam produzir seus saberes, legitimar seus poderes e ganhar aceitação popular com seus discursos. Eles fabricavam corpos criminosos, doentes que precisavam ser domesticados, curados seja no exílio, seja na prisão ou até mesmo nas clínicas.

Como nos mostra Foucault (1997, p.33), “O criminoso lesa antes de tudo a sociedade; ao romper o pacto social, passava a constituir-se nela como um inimigo interno”. Apesar desta frase ser utilizada pelos códigos penais da Europa no século XVIII, ela é dominante nos compêndios penais do século XX, e em particular do Regime Militar. Nesta perspectiva, os presidentes militares admitiam que governavam para o povo e em prol do povo. Não se torturava, apenas punia-se e corrigiam-se as vítimas, mas tudo para garantir a felicidade do povo brasileiro.

Rezende (2013, p. 249). Defende que a partir do momento em que os militares combatiam o comunismo e defendiam a família, utilizando da autoridade para garantir a sobrevivência da mesma, bem como da propriedade privada, os homens podiam agir com liberdade, desde que a mesma não sobrepusesse as regras do jogo militar. Governavam com autoridade para afastar da sociedade os males sociais, causadores de

perturbações, desvios e doenças. Em outras palavras, se governava democraticamente para garantir a “saúde” da Nação.

Ao defender a sobrevivência da família, os militares agiam perseguindo e prendendo os sujeitos que a ela ameaçavam, e constrangiam grupos marginais como os homossexuais, as prostitutas e os travestis. Ainda agiam a favor da moral cristã e dos bons costumes burgueses, agiam em prol do conservadorismo social. Foi nesse sentido que muitos Bares, Cinemas, Saunas foram espaços de vigilância policial.

Defender a propriedade privada, moralizar a sociedade, garantir a expansão de capital no país, gerar emprego com a industrialização, modernizar a sociedade com novidades tecnológicas foram “proezas” que os militares conseguiram com sua suposta política democrática “populista”; sobretudo no governo do presidente Médici que iniciou-se no ano de 1969 e onde ocorreu também o milagre econômico brasileiro: “o período foi marcado pelo recrudescimento da repressão política, da censura aos meios de comunicação e pelas denúncias de torturas aos presos políticos”. (REGAL, 2001, p.32).

Quando falamos em Regime Militar no país devemos compreender que havia grupos que apoiavam os mesmos e que saíam beneficiados com as ações e propostas que os mesmos defendiam e implementavam, neste caso, uma burguesia completamente industriária bem como grandes latifundiários. Logo, os grupos que saíam mais prejudicados com tal política de privilégios hierárquica eram os operários, a classe trabalhista e camponesa.

A busca por melhorias salariais, redução da jornada de trabalho, oposição a longas horas extras, feitas pelos operários configurou-se por meio de greves, até então proibida pelos militares que também intervinha nos sindicatos, como aconteceu no ABC paulista, liderada por Luís Inácio Lula da Silva no ano de 1977, quando este torna-se presidente de um dos sindicatos de São Bernardo (SP):

Num contexto de descoberta da manipulação dos índices de inflação, ocorre a Campanha pela reposição salarial de 77. Isto dá mais legitimidade – por conta do reconhecimento público das manipulações das estatísticas, inclusive por parte do Banco Mundial – às reivindicações operárias, provocando, ao mesmo tempo, um duplo enfrentamento: contra os empresários e contra o governo.(TIBBLE, 2008, p11).

Logo, podemos compreender que a luta operária na década de 1970, não se caracterizou apenas por melhorias trabalhistas, mas também por uma democratização da política brasileira. Os operários se conscientizavam do processo político e econômico a qual o Brasil estava submetido e com isso, saíam de uma alienação para uma ação concreta e revolucionária, para a formação de grupos de oposição.

Os partidos de esquerda bem como os movimentos da contracultura vão lutar por mudanças no pensamento social e com isso mudanças também na política brasileira no tocante a inserção da mulher na política, a garantia dos direitos civis e trabalhistas da mesma, o direito de escolha de procriar ou não, a humanização e o respeito aos homossexuais entre outros. A sociedade é conservadora e os políticos que a representam é um reflexo da mesma. A contracultura propunha assim uma nova política moral e social para a sociedade, seus governantes e suas instituições de apoio, sejam elas familiares ou não.

É necessário observarmos que durante o Regime Militar estes movimentos sociais e contraculturais foram postos na ilegalidade, principalmente durante o governo do presidente Costa e Silva entre 1967 e 1969 que instituiu o AI 5, e Médici entre 1969-1974 que utilizou de uma repressão cada vez mais intensa e forte contra tais grupos sociais, cujo objetivo era inviabilizar suas ações.

Desta forma, estava fechado o círculo dos grupos sociais e midiáticos que se opunham ao Regime Militar; e muitos artistas, como Caetano Veloso, Gilberto Gil foram para o exílio, assim como intelectuais, políticos, jornalistas entre outros. Os grupos contraculturais e os movimentos sociais, apesar de serem declarados ilegais, continuaram suas ações, porém no âmbito privado, oculto, às escondidas. Paraiva o medo de serem pegos pelos policiais do DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna) e serem submetidos a torturas.

Entretanto, apesar de muitos artistas estarem exilados no Exterior, isto não quer dizer que o Brasil do ponto de vista artístico e cultural estava impossibilitado de exercer suas ações; pelo contrário, é justamente durante a década de 1970 que foi difundido no Brasil o *pop* e o *rock*, bem como seria o *boom* das discotecas.

Difunde-se também na década de 1970, em 1978, um jornal que assume em suas “veias” redativas um posicionamento contracultural: O Lampião da Esquina. Nessa época já havia certo brandimento na Ditadura Militar, com a implantação da Anistia, que foi ampla e restritiva. O Brasil passava assim pelo processo de democratização lenta e gradual, mas o Lampião da Esquina veio para conscientizar as minorias a irem à luta, a buscarem seus objetivos.

Os últimos anos do regime militar viam surgir no país um leque extraordinário de imprensas alternativas, “marginais” ou periféricas no país, como o próprio “Lampião da Esquina”. Sua principal função será dar vez e voz aos grupos considerados minoritários. Grupos que tentarão buscar uma sociedade mais justa, mais tolerante e menos “ditatorial autoritária”. Ao dar voz aos corpos minoritários, a imprensa alternativa permitia que as próprias massas falassem dos seus corpos, de seus gêneros e suas identidades. Não são mais os médicos, psiquiatras, psicólogos que falam dos homossexuais, pelo contrário, são os próprios homossexuais que falarão de si, constituirão em discurso suas práticas e suas verdades. Com a imprensa alternativa aparecia o homem ordinário.

Todas essas experiências, esses encontros, esses relatos e esses debates, e igualmente um terreno feito de panfletos, de publicações efêmeras e de relatórios de estudos produzidos por inúmeros canais, todos esses filetes de água foram irrigar a reflexão, enriquecer-na, sob o mesmo título que o despojamento da literatura científica e da “literatura cinza” empilhada nos centros de pesquisa e nos ministérios comanditários. (CERTEAU, 1994, p.28).

Segundo Barros e Schultz (2010, p. 07), o “Lampião da Esquina” não foi a primeira imprensa alternativa no Brasil; antes dele, havia o *Snob*. Entretanto, o que o torna diferente dos demais; é justamente o fato de que sua circulação era a nível nacional, tendo grande destaque na mídia. Foram 38 edições mais três extras, entre os meses de Abril de 1978 a junho de 1981. Seu objetivo era desmitificar a idéia de que os homossexuais eram sujeitos movidos por impulsos unicamente sexuais, sendo qualificados por doentes, desviantes e criminosos.

1.4 Conhecendo o Lampião e as teorias que combatiam

Ao lermos o primeiro número do “Lampião da Esquina” quando este surge como edição experimental em Abril de 1978, salta aos olhos os nomes de seus principais editores: Adão Costa, jornalista e pintor profissional; Aguinaldo Silva, jornalista especializado em assuntos policiais; Antônio Chrysóstomo, jornalista especializado em música popular, tradutor, e crítico de cinema; Darcy Penteado, artista plástico e escritor; Francisco Bittencourt, poeta crítico de arte e jornalista; Gasparino Damata, jornalista e escritor com passagem pela diplomacia; Jean Claude Bernardet, crítico de cinema, um dos teóricos do cinema novo; João Antônio Mascarenhas, advogado, jornalista e tradutor, que abandonou a burocracia dos ministérios da Educação e da Agricultura; João Silvério Trevisan, cineasta e escritor; Peter Fry, antropólogo e professor da Universidade de Campinas.

Como podemos observar, a maioria dos membros do periódico eram jornalistas, antropólogos, advogados, artistas. Homes de profissões distintas, mas com um objetivo comum, propor uma nova leitura para a homossexualidade, difundir novas visões para a mesma e assim constituir novos saberes. Logo seu corpo editorial morava entre São Paulo e Rio de Janeiro, e era formado exclusivamente por homens intelectuais sem espaço para os outros sujeitos que estão nas margens, como as mulheres, que só vêm a ingressar no Lampião da Esquina meses mais tarde.

O único meio pelo qual as margens tinham certa participação e contribuição no periódico era na seção cartas na mesa, porém cabe-nos observar que boa parte dos leitores do Lampião era de diversas regiões do Brasil e diversos níveis sociais, ou seja, estes vivenciavam o preconceito de diversas formas e os relatavam por meio das cartas e entrevistas.

“Lampião da Esquina” tentava assim propor novas reflexões acerca da homossexualidade, das identidades e relações de gênero; por isso que longe de ser restritivamente um jornal de cunho homossexual, era um jornal voltado para as minorias sociais, como mulheres, prostitutas, negros, operários entre outros. Não era um

periódico tendencioso, ou seja, partidário de grupos de esquerda e de direita; mas era um periódico politizado cujo objetivo consistia em democratizar a sociedade, para que ela estivesse apta a aceitar e tolerar os homossexuais.

As principais colunas do jornal eram: ¹**Opinião**, onde diversos escritores escreviam suas “opiniões”, pensamentos acerca da homossexualidade; ²**Violência**, que falava sobre os principais crimes cometidos contra homossexuais e que será minha análise no segundo capítulo desta obra; ³**Literatura**, onde os editores traziam textos de literatura de obras para proporcionar ao leitor uma nova reflexão em torno da homossexualidade; **Tendência**, onde frequentemente vinha novidades acerca de livros, bares, e outros artigos para homossexuais; **Cartas na mesa**, onde os leitores escreviam para o periódico dando sugestões, reclamando e elogiando o que jornal divulgava.

A proposta do jornal seria assim possibilitar que a sociedade possa refletir sobre as práticas sexuais e concebê-las não mais como uma doença, um desvio, monstruosidade ou anormalidade, mas que o que existe são práticas e prazeres sexuais distintas, feitas a partir de identidades que são construídas historicamente. É necessário assim, romper com a imposição binária entre homossexualidade e heterossexualidade, pois tais imposições só fazem cada vez mais legitimar o preconceito.

Penteado (1978, p.02) na edição do Lampião referente ao mês de Junho/Julho, critica a forma pela qual a medicina se posicionava sobre a homossexualidade. Para ela, o sujeito homossexual teria que ser tratado clinicamente já que sua prática sexual é resultado de problemas mentais, doença psíquica, sendo necessário buscar um tratamento para o mesmo.

O lampião da Esquina atuava na tentativa não apenas de produzir militância, mas também de impor discussões, construir opiniões e reflexões acerca da homossexualidade em detrimento das já existentes. Sua proposta não é fazer a medicina, o direito, a psicologia falar da homossexualidade, mais é tornar os homossexuais e minorias, sujeitos produtores de discursos contestadores, sujeitos resistentes. É necessário que as prostitutas saiam da zona do meretrício, que os homossexuais saiam dos guetos e exibam suas posturas, para que a sociedade perceba o quão múltiplo é o campo identitário e as questões de gênero.

Segundo Foucault, (1997, p.70), não se trata de um movimento obstinado em afastar o sexo selvagem para alguma região obscura e inacessível, mas pelo contrário, de processos que o disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implantam-no no real e lhe ordenam dizer uma verdade. Trata de todo um cintilar visível do sexual refletido na multiplicidade dos discursos, na obstinação dos poderes e na conjugação do saber com o prazer.

Se anteriormente, a partir de meados do XIX e até 1970, os discursos estigmatizavam o homossexual e sua prática nefanda, colocando-os nas margens da cidade, o Lampião da Esquina vem propor uma articulação entre os campos de saber e prazer, ou seja, aqui, o saber jornalístico, histórico, antropológico, sociológico tentarão humanizar o prazer homossexual tido até então como inútil socialmente e moralmente.

Entendia-se que uma relação sexual inútil para a nação é uma relação sexual que impede a economia de se desenvolver, da nação progredir politicamente, culturalmente e socialmente. É uma prática que não deixa herdeiros, descendentes, nem forma famílias nos moldes tradicionais. Um corpo inútil é um corpo doente, louco, neurótico e até esquizofrênico. Os sujeitos que tem essas patologias são os homossexuais, as lésbicas, os travestis, as transexuais, que precisam ser tratados cientificamente dotando seus corpos de utilidade social.

A prática homossexual foi tida por muitos brasileiros durante os anos de 1970 e 1980 como uma prática que impossibilita o país de desenvolver-se economicamente, de favorecer a expansão industrial e do mercado, pois eles não conseguem expandir a demografia, favorecer um crescimento populacional, uma vez que não conseguem reproduzir-se, gerar filhos, gerar futuros consumidores. Deste modo, o homossexual é tido como um criminoso em duas vertentes: a primeira por não corresponder a lógica do mercado sendo um criminoso social; a segunda por não garantir a reprodução humana, é um criminoso que atenta contra a natureza e a ordem divina.

Entretanto, tais visões para com o sujeito homossexual não são recentes, não nasceram agora nem foi imposta a nossa sociedade de maneira forçosa e coercitiva, é antes de tudo uma herança da Europa, sobretudo, do século XIX. Estes discursos presentes nas décadas de 1970 e 1980 no Brasil não são de forma alguma originais, novas; pelo contrário, são reproduções daquilo que foi construído e interiorizado pela

sociedade européia, quando a burguesia associada com a ciência transformou o corpo sexual em um corpo-objeto de saber, nivelando-os, hierarquizando os espaços, construindo seus binarismos.

A sexualidade burguesa, em sua plenitude oitocentista, tinha responsabilidades outras além do gozo dos indivíduos. Estava comprometida com a questão do indivíduo x família, da população x Estado, do civilizado colonizador x primitivo colonizado etc. Era preciso, então, mostrar que os limites do gozo estavam seguramente inscritos na ordem do parentesco e na fronteira da morte, mas também nos interesses da raça, das classes, das nações, dos estados, das metrópoles e impérios, em suma, nos interesses da cultura e civilização burguesas. (COSTA, 2002, p.43).

Controlar o gozo, as práticas prazerosas e fazer com que elas sirvam ao desenvolvimento e enriquecimento do Estado é um dos objetivos do poder burguês também do século XX. Esta herança que herdamos da Europa, permite assim que os corpos sejam controlados, vigiados pelos poderes e saberes difundidos no Brasil.

São vários os poderes institucionais que vigiam os sujeitos supostamente homossexuais: a família, a escola, a justiça, a medicina, a polícia. Digo supostamente, porque as relações sociais constroem as relações de gênero, determinando características que definem o que é ser homem, mulher e homossexual. É necessário romper com essas características que “oposicionam” homens, mulheres e homossexuais, e fazer com a sociedade que está em constante mutação não as conceba como fator dominante e natural.

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Ele se refere a oposição homem/mulher e fundamenta ao mesmo tempo o seu sentido. Para reivindicar o poder político, a referência tem que parecer segura e fixa, fora de qualquer construção humana, fazendo parte da ordem natural ou divina. Desta forma, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se, ambos, partes do sentido do próprio poder. Colocar em questão ou mudar um aspecto ameaça o sistema por inteiro. (SCOTT, 1995, p.10).

É necessário romper assim com essas naturalizações que se fazem nas relações de gênero, conceber os corpos e suas práticas sexuais e culturais como construções sociais, que constantemente passam por modificações, mutações. Ao conceber as relações de gênero como algo natural, dá margem para que repressões aconteçam.

Podemos compreender o porque dos militares e da sociedade conservadora nas décadas de 1970 e 1980 no Brasil reprimirem tanto os movimentos em torno da sexualidade liderados por mulheres, homossexuais, bissexuais, simpatizantes. Porque as reivindicações deles, como mais liberdade sexual e social, direitos iguais, respeito, ameaçavam todo sistema patriarcal, machista e de dominação, um sistema que aos olhos destes, era natural. As reivindicações sociais minavam as concepções que eles e a sociedade tinham com relação a masculinidade e a feminilidade.

As repressões às quais os homossexuais eram vitimados consistiam nas mais intensas formas, como aquelas voltadas para a internação clínica, já que se concebia seu corpo como um corpo patológico, que precisava de intervenção médica, para reverter à homossexualidade, curando o enfermo.

Badinter (1993, p.110), afirma que para as ciências médicas havia uma relação forte entre testosterona e homossexualidade; um sujeito com baixa testosterona era um sujeito homossexual, para curar a homossexualidade era injetado nos homossexuais uma grande quantidade de hormônios, aumentando o nível de testosterona fazendo assim com que os sujeitos homossexuais passem a sentir desejos sexuais por mulheres. Entretanto, tal prática médica longe de curar a homossexualidade estimulava os mesmos a gostarem de homens, tendo um efeito inesperado.

Injetar os hormônios masculinos em homossexuais consistia entre uma das várias práticas médicas atribuídas ao corpo dos “anormais”. Práticas médicas sem muito sucesso, uma vez que muitos médicos discordavam entre si quanto às supostas causas da homossexualidade. Ao mesmo tempo em que discursos médicos a considerava uma doença causada por problemas biológicos, hormonais, relacionadas ao sistema endócrino, outros médicos iam mais além, considerando a homossexualidade como problemas comportamentais morais.

Ao considerar a homossexualidade como um problema comportamental, os médicos não estavam tornando-se mais tolerantes para com o sujeito homossexual, nem negando a idéia de que a homossexualidade era uma doença. Pelo contrário, eles ajudam a reiterar a teoria, porém com novas “roupagens”. Para estes, homossexualidade não é uma doença biológica, é uma doença comportamental, e que por tanto têm-se um tratamento.

Contudo, já pelo fim da década de 1930, tratamentos médicos mais intervencionistas começam a ser prescritos. O Dr. Pacheco e Silva, que continuava a dirigir tanto o hospital público quanto o asilo psiquiátrico privado, adotou novas técnicas terapêuticas aplicadas na Europa e nos Estados Unidos. Os médicos do Pinel começaram a utilizar “convulsoterapia” e injeções de insulina para curar um que consideravam um comportamento esquizofrênico. A convulsoterapia consistia em injetar o medicamento cardiazol em um paciente em quantidades cada vez maiores para provocar ataques epiléticos. A “insulinoterapia” por sua vez era destinada causar choque hipoglicêmico levando o paciente ao coma... A terapia de insulina e eletrochoque era usada em pacientes homossexuais até mesmo quando não havia sinal de comportamento esquizofrênico, e a intenção parecia antes ser disciplinar do que curar. (GREEN, 2000, pp.229-232).

Podemos compreender que o século XX concebe assim a homossexualidade como doença, seja ela biológica ou comportamental. A cura biológica seria uma cura para a homossexualidade, seria a sua eliminação completa. A cura comportamental vai além, já que não se pode curar o homossexual, mas pode-se ao disciplinar seu comportamento controlar a sua homossexualidade.

Logo, as práticas teóricas e médicas no Brasil concebiam a homossexualidade como doença, mas a partir de viés distintos. É importante observar que tais princípios ideológicos não estão apenas presentes nas décadas de 1970 e 1980 no Brasil, mas também nos dias de hoje; a sociedade brasileira ainda respira certo conservadorismo para contra os homossexuais.

Os homossexuais em 1970-1980 ao sofrer com essas repressões médicas tinham assim seu corpo mutilado, submetido a dores, sendo refém de um tratamento cruel, desumano e degradante. Tais tratamentos repressivos tinham por finalidade responder a uma urgência social, ou seja, a um clamor familiar e coletivo, curando filhos, parentes e amigos homossexuais, reincorporando estes à sociedade civil, ao mercado de trabalho, a forma de família “correta e tradicional” e livrando a sociedade desta doença contagiosa chamada homossexualidade.

Concordo assim com Foucault (2015, p.365) quando afirma: “entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, por tanto, uma função estratégica dominante”. Nesta perspectiva, o dispositivo médico, familiar, social tinha

por função garantir a permanência da sociedade tradicional, reprimindo os corpos que a ela ameaçavam.

Falamos até agora da repressão médica imposta ao corpo dos homossexuais, agora é necessário observar que existe no Brasil dos anos de 1970 e 1980 uma forte repressão policial. Apesar de o país vivenciar um período de abertura política lenta e gradual, a mesma não impediu que os homossexuais fossem presos e até torturados na prisão. A acusação que as forças repressoras alegavam no ato da prisão era a vadiagem dos mesmos nas ruas, bem como o atentado ao pudor e a moral que causavam com seus comportamentos.

Vale ressaltar que a homossexualidade não é considerada crime pelo Código Penal Brasileiro, mas as forças militares utilizavam de uma série de acusações para prender os homossexuais, considerando-os delinquentes. A prisão dos homossexuais só fortalecia cada vez mais a visão da sociedade conservadora que os tinha como criminosos natos, elementos de alta periculosidade que ameaçavam os bons costumes.

Segundo Foucault (1997, p. 33), as prisões dos corpos considerados desviantes, ou seja, prostitutas, homossexuais, bissexuais, travestis, mendigos, vagabundos era uma forma de afirmar para a sociedade que tais sujeitos são desordeiros, estão fora da ordem social. Ao prender um sujeito considerado irregular, o objetivo da prisão não é agir diretamente apenas no réu, mas também na sociedade, legitimando assim as maneiras de viver, comportar, bem como de produzir discursos. Estes discursos eram produzidos pela polícia e pelo aparato jurídico que tinham como objeto de saber os corpos desviantes.

A prisão dos corpos desviantes gera também uma certa desordem na sociedade, pois desenvolve reações contra as autoridades. Um bom exemplo de reação contra a autoridade policial, bem como contra a sociedade foi o periódico *Lampião da Esquina* que surgido no Brasil em 1978 tinha por objetivo militar a favor dos corpos desviantes, sobretudo, dos corpos homossexuais, que eram presos, humilhados na sociedade e na família, internado em clínica psiquiátricas e assassinado. Os homossexuais estavam presos a uma rede de preconceitos internalizadas na sociedade pelos discursos elencados acima. Seria necessário propor novas visões e mentalidade para as relações homossexuais, as relações de gênero.

O Lampião da Esquina vem com intuito de colorir a mente da sociedade conservadora, pondo as cartas e os contos literários nas mesas dos leitores, informando as repressões que os homossexuais sofrem por serem considerados “doentes”, mas também para mostrar para a sociedade brasileira que não existe apenas um tipo de homossexual, mas vários tipos de homossexuais, várias homossexualidades.

Respondendo, talvez acima de todo o resto, a uma interação complexa entre continuidade e mudança, entre tradição e modernidade no mundo incerto do final do século XX, estes quadros culturais múltiplos parecem frequentemente contradizer mas ao mesmo tempo se cruzar, abrindo não uma única singular realidade sexual, mas um conjunto de múltiplas realidades. E nenhuma outra situação é vista mais claramente do que no caso da homossexualidade masculina, que, pelo menos no Brasil, deve ser caracterizada menos como um fenômeno unitário do que como fundamentalmente diverso – um caso, no mínimo, de homossexualidades um tanto diferentes em vez de uma homossexualidade única e unificada. (PARKER, 2002, p.53).

Lampião da Esquina vêm assim para quebrar os conceitos de gênero que foram constituídos socialmente no Brasil, mostrando assim para os leitores as diversas ou múltiplas características sociais, físicas presentes nos homens homossexuais, homens heterossexuais e mulheres, fugindo daquelas características tidas como prontas, fechadas em si mesmas e por isso universais.

Os leitores elitistas e populares que tiveram acesso ao periódico Lampião da Esquina puderam perceber que ele, além de informar e de conscientizar, serviu como espaço de luta e denúncia contra a violência que os homossexuais sofriam e que em sua maioria as mesmas não eram noticiadas na televisão ou nas emissoras de rádio ou quando o eram, era para criminalizar o homossexual.

Descriminalizar o sujeito homossexual a partir das notícias de violência a que os mesmos eram subjugados era um dos objetivos do Lampião da Esquina e será o meu mote no capítulo seguinte. Lampião da Esquina provocou a sociedade inovando nas maneiras de pensar e de agir, com isso revolucionou o campo da sexualidade, do gênero e da identidade. Coloriu e incomodou o pensamento preto e branco da elite conservadora. Lampião da Esquina dançou assim o seu Xaxado.

CAPÍTULO 2

FAMÍLIA, ESTADO E SOCIEDADE: AS MÚLTIPLAS VIOLÊNCIAS CONTRA OS HOMOSSEXUAIS

Neste capítulo o leitor encontrará uma série de reportagens, artigos e trechos de cartas escritos por leitores e membros do “Lampião da Esquina” analisadas por nós. Serão enfatizadas aqui as violências a que eram submetidos os homossexuais, provenientes do espaço familiar ou público, no meio social. Estas violências feriam a dignidade humana, a moral e o físico das vítimas, apenas por estes homens e mulheres fugirem dos padrões heteronormativos.

As vítimas de tais violências exerciam uma sexualidade tida como “diferente”, que não condizia com os padrões sexuais aceitos e tidos como naturais na sociedade, isto porque se pensa e se concebe as relações sociais e sexuais em termos de binarismo, macho/fêmea, masculino/feminino. O binarismo impõem-se categoricamente construindo de modo social o império da sexualidade, as fronteiras do certo e do errado, do normal e do anormal. Os padrões impostos à sociedade ocidental, à ideia de família, naturalizam tais construções, legitimam tais divisões.

Homem e mulher são divisões bem estabelecidas, representações sociais que criam o verdadeiro e o “natural” na ordem do discurso onde a família é o eixo em torno do qual giram as pesadas engrenagens das relações sociais. Esta classificação está tão “evidente” no ser humano, as suas representações estão bem ancoradas no senso comum, que torna-se difícil visualizar suas formas de legitimação, a sua própria historicidade. (SWAIN, 2001, p.88).

A Família seria, assim, o eixo pelo qual o binarismo se estabelece. Os pais educam seus filhos para que estes se desenvolvam dentro das relações binárias construindo suas famílias, unicamente compostas de homem/mulher. Em outras palavras, os pais e todo um sistema de valores que os cercam constroem o gênero e as preferências sexuais dos seus filhos, determinando seu futuro e sua forma de amar.

Assim, quando os filhos assumem uma identidade gênero oposta a qual lhes é imposta pela família e pelo sistema de valores que os cercam, cria-se contra eles todo

um sistema de preconceito, repressão, e não aceitação. Diante de tais situações, muitos filhos são expulsos de casa, internados em clínicas psiquiátricas, agredidos fisicamente e verbalmente.

A família é compreendida do ponto de vista religioso e também social como uma construção formada por homem, mulher e filhos. Assim do ponto de vista religioso, científico e social, a homossexualidade rompe com o modelo familiar tradicional. O sujeito homossexual seria assim uma ameaça para a continuidade da família cristã, sendo comum ouvirmos de radicais religiosos, que dois órgãos sexuais idênticos não reproduzem.

Nesta construção negativa feita por discursos científicos e religiosos em torno da homossexualidade, é que algumas famílias dentro destes sistemas de valores, preferem ver o filho (a) morto, ou qualquer outra coisa, a ser homossexual. E quando o filho se identifica como homossexual, seus pais ou parentes, buscam logo uma forma de tratamento para a mesma, de matar a mesma, curando seus filhos.

Desde sua origem a homossexualidade foi ligada a ideia de morte. Morte revelada na concepção de que a homossexualidade não existe e não deve existir e, se insiste em aparecer, em se mostrar, deve-se fazer desaparecer em atos ou palavras. (FERRARI e SEFFNER, 2009, p. 204).

É nesta perspectiva que a sociedade dos anos de 1970 e 1980 compreendia a homossexualidade, perseguindo os “anormais” por meio de atos e palavras, com o único objetivo de fazê-los desaparecer ou “curar”. E são muitos destes mecanismos que se tornam violentos, bárbaros e até desumanos. Toda uma gama institucional se acometerá de violência contra os amantes do mesmo sexo.

2.1 A violência familiar nas páginas do Lampião: A história dos homens tristes

Um das primeiras violências descritas no Lampião da Esquina é justamente a violência familiar contra os homossexuais, parentes homossexuais, descrita na carta de um leitor do periódico. A família, por não compreender a homossexualidade, pune com palavras, piadas e deboche seus integrantes homossexuais:

Há dias em que tenho vontade de matar. Meus irmãos debocham de mim, meu pai me detesta, minha mãe vive chorando pelos cantos, lamentando minha doença. No colégio todos caçoam de mim, na rua assobiam quando passo. Estou ficando cada vez mais conhecido na minha cidade. Tenho vontade de fugir mais não tenho meios. Além disso, sou menor, tenho 17 anos. Sinto-me a última das pessoas. Peguei o panfleto anunciando o jornal de vocês numa livraria daqui, decorei o endereço e joguei o panfleto no lixo para que ninguém o descobrisse comigo. (INFANTE, Cartas na Mesa, p. 14, 1978).

A carta acima é de um jovem da cidade de Recife, no Nordeste do país. Podemos compreender que ele sente-se rejeitado pela família por ser homossexual, sofrendo também na escola e na rua. Logo, sente-se “desterritorializado”, perdido, em um meio machista e hostil, onde o patriarcalismo crivou sua força na formação masculina do homem nordestino. Percebe-se que sua homossexualidade é um ato reprovável perante as instituições sociais que o circunda e o espaço geográfico que o cerca. O mesmo sabe que seu comportamento e suas práticas sexuais não são conciliadores com o que se espera de um homem nordestino. E por isso deseja fugir da região, não sendo fácil para ele conviver em um local marcado pela violência de gênero, pela divisão entre o certo e o errado, o estabelecimento de fronteiras e regras de como agir e viver.

Durante todo o século XX percebe-se como o estereótipo do nordestino foi formado e constantemente remodelado a partir de práticas que não são aceitas dentro de sua região, servindo-lhe de exemplo como não agir. Entre essas práticas marginais, está o “homossexualismo”. Para isso, estereotipa-se também o “homossexual”, estabelecendo-se para ele formas de andar, de falar, de agir, de vestir, lugares para estar e viver. (ALBUQUERQUE JR.;CEBALLOS, 2002, p. 303)

O escritor da carta intitulou-se como Infante e deseja fugir do local por acreditar que em outras localidades do país, que não o Nordeste, sua vida poderia ser melhor, com mais liberalidade e aceitação de sua sexualidade. Mas lamenta-se ser menor de idade, impossibilitando sua fuga para outro local, vendo-se aprisionado cada vez mais em um ambiente tortuoso para si, seja ele familiar e social.

Entretanto, o preconceito por parte da família e de alguns setores da sociedade contra homossexuais, não era comum e predominante apenas no Nordeste, era intensificado também em outras regiões do País. Em qualquer localidade, a hostilidade, a violência, as agressões verbais eram comuns. O Lampião da Esquina relatava isto muito bem.

Este leitor que escreveu para o Lampião da Esquina não recebeu o mesmo tratamento que outros leitores receberam por seus familiares por serem homossexuais. Dois deles foram internados em sanatórios médicos sofrendo todo tipo de punição corretiva que um paciente-presos é vitimizado. A internação nessas clínicas às quais as famílias de homossexuais buscavam ajuda, promoviam uma espécie de medicalização e correção de um doente e transgressor.

A família não internava os homossexuais nas clínicas para se livrar deles, para que eles morressem, mas que para fossem esquecidos, ou para serem tratados e depois reincorporados ao mundo da normalidade, da família heterossexista. Entretanto, o tratamento que eles recebiam eram tortuosos, cruéis, deixando marcas na alma, como nos relata um leitor do periódico, vítima de internação.

Foi preciso eu pensar muito antes de assinar o Lampião, e tenho andado amedrontado, pois minha cabeça mudou muito em relação à sociedade; pra quem é ser marginalizado. A gente é pobre, vive com a família, reprimido de todos os lados: Não foi a toa que já fiquei dois meses internado em um sanatório de doentes mentais aqui. Foi terrível, já faz um ano e meio, mas a marca deixada e enraizada dentro de mim está muito viva. (L.P, Cartas na Mesa, p. 14, 1981).

É interessante observarmos que boa parte dos casos de violência descritos até aqui partem dentro da própria família, sendo elas que procuram um tratamento médico e psiquiátrico para seus parentes homossexuais. Os pacientes entravam com vida nas clínicas de internamento, contra sua vontade, mas não sabiam se iriam sair de lá vivos ou ilesos. Um triste caso de internamento onde a vítima morreu dentro da clínica aconteceu no dia 27 de setembro de 1980, onde Aná Lúcia Rocha Leal, uma advogada, internou o seu irmão, o sociólogo Roberto Rocha, logo após este chegar do doutorado na França, onde tinha planos de dedicar-se a agricultura na fazenda dos pais. Ana Lúcia alegou que uma pessoa que abandona a carreira acadêmica para dedicar-se a agricultura só pode estar louca, e isso foi o estopim com que ela ligasse para a clínica do Dr. Eiras pedindo assim seu internamento. Rocha foi levado contra sua vontade e após sua entrada na clínica veio a falecer. Rocha sofria de diabetes, e estava há mais de 10 dias sem tomar insulina. É importante frisar que não cabe a nós julgarmos se foi à clínica que o matou ou não. Mas nos interessa o real motivo de sua internação, como será descrito a seguir:

Planos Acumulados nos seus 26 anos de vida aos quais sempre se defrontou com o preconceito e a incompreensão da família. Preconceito e incompreensão que talvez tenham sido responsáveis pelos três internamentos anteriores dois no Piauí e um na própria Dr. Eiras em 1976. (PINHEIRO, Reportagem, p.11, 1981).

Em síntese, podemos observar que seu internamento não foi por abandonar a carreira acadêmica para dedicar-se a agricultura, mas por ele ser homossexual. As famílias nas décadas de 1970 e 80, quando não corrigiam o comportamento homossexual dos seus filhos, xingando, agredindo fisicamente, humilhando, instituía esse poder a outras instituições. Não cabia apenas à família punir/corrigir, mas também a outras instâncias sociais.

O indivíduo a ser disciplinado vai aparecer nesse jogo, nesse conflito, nesse sistema de apoio que existem entre a família e, depois, a escola, a oficina, a rua, o bairro, a paróquia, a igreja, a polícia, etc. Esse contexto, portanto, é que o campo do indivíduo a ser corrigido. (FOUCAULT, 2015, p. 50).

“Corrigir” os homossexuais torná-los úteis numa sociedade ocidental e no seio familiar: eis a função “punitiva” que assumia as instituições das décadas de 1970 e 1980. A forma de punição/correção eram as mais variáveis possíveis, dependendo da instituição que a exerce. Todas essas formas de correções feriram de algum modo a dignidade dos homossexuais, considerados anormais. A correção da Clínica Dr. Eiras seria completamente inadequada para a psiquiatria moderna, conforme denúncia do médico Fritz Utzeri que trabalhou na clínica.

Quando perguntando pelo entrevistador Alceste Pinheiro se na Clínica do Dr. Eiras aplicavam choque elétrico nos pacientes, Fritz, ex-funcionário da Clínica, responde:

Sim, embora a única indicação terapêutica seja em casos de pessoas com tendências ao suicídio. Mas continua sendo aplicado. Creio também que como medida punitiva ainda. Lembro-me que era comum ouvir médico comentando reservadamente: “este sujeito está enchendo o saco, vou aplicar-lhe um choque”. (PINHEIRO, Reportagem, p.11, 1981).

É importante frisarmos o seguinte: até que ponto a medicina psiquiátrica “corrigia” o comportamento do homossexual utilizando choques elétricos, camisa de força ou a camisa de força química. Tais medicamentos ou procedimentos antes de

serem formas de corrigir o homossexual, curá-lo, eram meios arbitrários de desumanizar a vítima.

A homossexualidade só foi removida do manual DSM (Doenças de Saúde Mental) em 1980, conforme indica Kaplan e Sadock (2006, p. 745):

Em 1973, a homossexualidade foi eliminada como categoria diagnóstica pela American Psychiatric Association, e em 1980, foi removida do DSM. A décima revisão de classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionadas à saúde (CID – 10) afirma: “A homossexualidade por si só não deve ser considerada um transtorno”. Ela reflete a mudança na compreensão da homossexualidade, que agora é considerada uma variante da sequência regular da sexualidade humana, e não mais um transtorno patológico.

Podemos observar assim que no Brasil entre 1978-80, a homossexualidade ainda era considerada uma doença associada a problemas comportamentais, e por isso passível de cura, de reversão, por meio de tratamento médico seja com injeção, camisa de força, comprimidos, etc. Afinal, como indica o CID (Classificação Internacional de Doenças)-10, (1993, p. 217): “A identidade ou preferência sexual não está em dúvida, mas o indivíduo deseja que isso fosse diferente por causa de transtornos psicológicos e comportamentais associados e pode procurar tratamento para alterá-la”.

Em síntese, se um indivíduo não está satisfeito com a identidade sexual bastava procurar um psicólogo para sofrer uma alteração comportamental. O que vemos acontecer aqui no Brasil e, sobretudo, foi divulgado no *Lampião da Esquina*, é que alguns indivíduos homossexuais eram internados contra sua vontade, perdendo o direito e a liberdade que têm sobre o próprio corpo e a própria vida. O caso do sociólogo Roberto Rocha internado por sua irmã e relatado aqui, é um dos exemplos.

Logo, podemos compreender como a medicina e a família cometiam durante as décadas de 1970 e 80 a homofobia com seus parentes e pacientes homossexuais, caçavam neles possíveis comportamentos, atitudes e ameaças que fossem tendenciosas de uma homossexualidade. Qualquer sinal ou deslize, lá estava o caçador a espera da caça, da presa, da vítima para domesticá-la com seus mecanismos punitivos/corretivos.

Os homossexuais foram assim reféns de uma homofobia legitimada por uma série de discursos religiosos e científicos, que penetravam no lar das famílias brasileiras.

Estas não aceitavam seus parentes homossexuais, legitimando assim contra eles uma homofobia doméstica. Quando as famílias procuravam ajuda clínica, o homossexual não era apenas refém da homofobia familiar, mas também da homofobia médica.

A ideologia homofóbica está contida no conjunto das ideias que se articulam em uma unidade relativamente sistemática (doutrina) e com finalidade normativa (promover o ideal heterossexual). Forma sofisticada das concepções populares e cotidianas sobre a homossexualidade, as teorias homofóbicas, através de suas diferentes vertentes, propõem uma forma de considerar os gêneros e as sexualidades pela construção do sistema de valores (a promoção da heterossexualidade monogâmica) e pela proposição de um projeto político (a diferenciação, a cura, a segregação ou eliminação dos/as homossexuais). (BORRILLO, 2010, p.64).

Aqui fora descrita como as famílias praticavam violência contra os homossexuais, porém na sociedade brasileira existiam outras formas de violência para além do âmbito familiar e médico. Os homossexuais também possuíam uma vida pública, trabalhando, frequentando bares e discotecas e por isso sujeitado a outros tipos de violências que não a familiar e a clínica.

A violência social e estatal são exemplos clássicos pelo qual os homossexuais também serão vitimados e na qual o Lampião da Esquina não deixou de divulgar. Eram violências que usavam da força, da coerção e até mesmo da chantagem.

A ideia de força ou de coerção supõe um dano que se produz em outro indivíduo ou grupo social, seja pertencente a uma classe ou categoria social, a um gênero ou a uma etnia, a um grupo etário ou cultural. Força, coerção e dano, em relação ao outro, enquanto um ato de excesso presente nas relações de poder – tanto nas estratégias de dominação do poder soberano quanto nas redes de micropoder entre os grupos sociais – caracterizam a violência social contemporânea (SILVA, apud SANTOS, 2010, p. 18).

Sendo assim, novos caçadores entram em ação, com formas mais severas de punição para além do choque elétrico, que era comum nas clínicas psiquiátricas e para além da humilhação que era cotidiana no seio familiar. Esses novos caçadores serão os policiais que não apenas caçavam e domesticavam a vítima, mas também a “comiam”.

2.2 Quem caça também come: Violência e disciplina policial sobre o corpo dos homossexuais.

Durante os anos de 1970 e 80, vimos nascer no país uma série de movimentos sociais formados por mulheres, negros, operários e homossexuais. Cada movimento tinha suas bases reivindicatórias próprias, as mulheres protestavam pelo direito de escolha a ser ou não ser mãe, por assistência social entre outros aspectos; aos operários, por melhorias salariais e mais condições dignas de trabalho; os negros protestavam contra o racismo; e claro, os homossexuais por maior liberdade sexual, bem como, contra a violência da polícia.

Andar pelas ruas de São Paulo e do Rio de Janeiro a procura de lazer, prazer e aventura era algo rotineiro na vida dos homossexuais, principalmente das grandes cidades, onde ofereciam uma oportunidade de diversão mais ampla: desde o cinema, as boates, discotecas, até os restaurantes. É necessário observarmos o seguinte: existiam nestas cidades espaços específicos para homossexuais, os famosos guetos muito comum na década de 1960. Porém, nos anos de 1970 e 1980 os homossexuais vão saindo dos guetos e se posicionando socialmente, percorrendo e se impondo nos espaços sociais, fazendo-se notar.

A partir do momento que os homossexuais ganham maior visibilidade no espaço público, a polícia militar e civil passam a agir caçando os “veados” com intuito de limpar a cidade da sujeira homossexual. Os locais de caça eram os mais variáveis possíveis, desde as ruas, as portas dos cinemas e boates, até os banheiros públicos como descreve um leitor do Lampião da Esquina.

Hoje à tarde (12/07/1979) fui dar umas badaladas inocentes por aí, aproveitando uma folga do serviço, e acabei indo até a central do Brasil, local onde apareço de vez em quando e acho curtível uma vez ou outra. Bem fui dar uma olhadinha rápida (não mais que dois minutos) no banheiro principal e, assim que comecei a mijar, fui abordado por um rapaz de estatura média, magro, moreno claro e de bigodes, que se identificou como policial. (CARLOS, Cartas na Mesa, p.18, 1979).

Luís Carlos foi abordado pelo policial e levado à delegacia de modo completamente injusto, e sem ter cometido crime nenhum. Ao chegar à delegacia foi humilhado verbalmente pelo corpo policial de plantão, que ameaçavam fotografá-lo e

enviar tais fotos junto com uma ficha de serviço para o emprego dele ameaçando assim a estabilidade financeira e o seu vínculo empregatício. Mas afinal, porque Luís Carlos foi preso?

Sob tal pergunta, tem-se a possibilidade de dois discursos contraditórios mas que, por isso, não deixam de se complementar. Tem-se o discurso criado pela polícia que justificou a prisão de Luís Carlos sob alegação de que ele atentou contra o pudor, agiu de forma imoral. Uma vez que não é constituído crime ser homossexual no Brasil, o discurso de Luís Carlos contrapôs-se ao argumento policial:

Logo percebi o que estava fazendo ali: Eu tinha sido escolhido por ser homossexual, juntamente com os outros quatro, para ser assaltado por policiais. E não deu outra coisa: Logo o tal policial disse que se tivéssemos uns trocados, como era primeira vez e nós tínhamos pinta de boa gente (Vejam só...), ele nos dispensaria. É claro que queríamos é sair logo daquele local eu dei 300 cruzeiros e os outros 100 e 500. (CARLOS, Cartas na Mesa, p.18, 1979).

Luís Carlos teve seu “direito” de usufruir do banheiro público violado, bem como sua privacidade, além de ter sido ameaçado e tornado-se vítima de chantagem. A polícia do país nas décadas de 1970 e 1980 invadia assim todos os territórios considerados suspeitos: banheiros, bares, becos, afinal seu trabalho seria garantir a segurança social, mesmo que violando os direitos fundamentais do ser humano.

Percebe-se que o direito de ir e vir, o direito de frequentar lugares públicos ou privados, era um direito daqueles que não ameaçavam o *status quo*, até sendo em algumas vezes usufruído por aqueles que foram calados a margem da sociedade, mas sempre com o risco de serem violentados física ou simbolicamente. (MARIUSSO, 2015, p.10).

Prisões arbitrárias, chantagem com fins lucrativos, era uma realidade muito comum dos homossexuais que diretamente pagavam para serem postos em liberdade. A sexualidade *gay*, bem como todo ritual de afetos entre pessoas do mesmo sexo, como beijar em público, trocar carícias, andar abraçado, não pode ser manifestado em âmbito público, pois se configuraria como atentado ao pudor, restando apenas ao âmbito do privado o direito à liberdade sexual.

É interessante notar que os homossexuais de classe média que eram presos por atentado ao pudor poderiam livrar-se com mais facilidade da cadeia bastando entrar no

jogo da extorsão policial, diferentemente dos homossexuais de origem pobre, humilde, que por não terem dinheiro para pagar a liberdade tinham que “prestar serviços” na delegacia, como relata a reportagem a seguir:

O 31º Distrito era muito animado. Os detetives tinham que preencher uma cota de prisões ou coisas parecidas e, às vezes saíam as ruas prendendo todo mundo: gente que esqueceu a carteira de trabalho em casa, loucos e homossexuais pobres... Mas ninguém fazia nada pelos homossexuais que eram presos ali. Constantemente era renovado o plantel porque o distrito policial necessitava deles na Limpeza e no transporte interno. Eram presos porque eram homossexuais pobres, e forçados a um trabalhão não remunerado dentro da cadeia. (GABEIRA, Literatura, p. 20, 1979).

É interessante observar que apesar de serem presos injustamente pelo simples fato de serem homossexuais, de não se enquadrarem nos padrões tidos como o correto socialmente, a aplicação da pena também era feita de modo discriminado. Para os homossexuais ricos e de classe média, o dinheiro resolveria o problema, para os homossexuais pobres o “escravismo doméstico” era a solução.

De toda forma, alguns caçadores policiais lucravam de outra forma sobre o corpo de suas vítimas. Para alguns comiam e usufruíam do dinheiro, quando tratava-se de homossexuais estáveis economicamente; e comiam de seus serviços, quando pobres e instáveis economicamente. Assim, algumas salas de delegacia, prisão, como o 31º distrito, como Fernando Gabeira falou, atuou como palco para a exploração lucrativa e serviçal.

Mas afinal, na História do Direito Brasileiro se prendia por ser homossexual? A resposta é clara e objetiva: não existe no código penal brasileiro uma medida punitiva para homossexuais, como houve nos países europeus banhados pelo totalitarismo na primeira metade do século XX, a exemplo da Alemanha, quando exterminou os homossexuais em campos de concentração. A estratégia policial brasileira no século XX, sobretudo em 1970 e 1980, era simples: eles prendiam os homossexuais e forjava para eles uma espécie de crime.

Não se era preso porque era homossexual, mas porque era desempregado, usuário de droga ou acusado de roubo, essas eram uma das desculpas dadas pela polícia que contribuía assim para a manutenção de exclusão desses sujeitos. (MARIUSSO, 2015, p.11).

É importante afirmar que tal versão não era apenas defendida por policiais, mas também defendida por saberes científicos, como o da medicina, relatado inicialmente nesse texto. A mídia da época também pensava igual aos policiais. Não prendiam as pessoas por serem homossexuais, e sim por estarem envolvidas em algum delito. As prisões de homossexuais no Brasil são indiscriminadas como relata Percival, jornalista da Folha de São Paulo entrevistado por Glauco Matoso, membro do Lampião da Esquina.

E as violências policiais? Seriam elas puramente arbitrárias, e acidentais? Pergunta Matoso, ao jornalista criminal Percival. Percival acredita que sim, e que elas são indiscriminadas, isto é, não existe nenhuma ação organizada específica contra os homossexuais: o que existe é o clima de chacota, o preconceito é generalizado. Em outras palavras, as autoridades não seriam coniventes, mesmo nos casos de crimes praticados contra homossexuais. (MATOSO, Reportagem, p.07 1978).

É importante frisar que apesar das justificativas para as prisões dos homossexuais serem as elencadas acima, por trás de cada policial que prendia existia sim um sentimento de ódio contra os *gays*, sobretudo os efeminados ou travestis. Ódio este que se convertia em um desejo intrínseco e profundo sobre o corpo das vítimas. Desejo este que possibilitou a busca do prazer no corpo dos “veados”, a satisfação de sua própria homossexualidade reprimida. Afinal, era comum em alguns espaços “disciplinares” acontecerem ataques sexuais da parte de policiais contra homossexuais, travestis, como aconteceu no presídio do Hipódromo, conforme relata duas travestis na matéria feita pelo Lampião da Esquina, sob a direção de Darcy Penteado e Jorge Trévisan, editoriais do periódico.

Darcy – Dentro das delegacias e depois, nas prisões, vocês sofreram ataques sexuais? Dos presos ou dos policiais?

Flávia – as vezes o policial exige que agente faça sexo para soltar agente. Com a polícia, com o Carcereiro, com o... O carcereiro é quem solta, então eu tive que fazer muito programa pra ele me soltar. Aliás, não foi programa, foi assim um meio programa, um meio termo do sexo. (Risadas). Muitas vezes levam agente pras quebradas, e depois soltam. Não sou eu, várias amigas vão juntas. E tem quatro policiais geralmente. Eles escolhem quatro travestis, soltam as outras, fazem a festa e tchau. Às vezes, a gente está preso, e ai vem um deles pra ver o tamanho do...

Jorge – As celas são coletivas? Quantas pessoas tem?

Flávia – Ah, eles põe bastante, até cem juntos. É uma cela pequena. Lá no Hipódromo eu fiquei com um menino e mais três travestis. O menino deu uma de bicha, pra ficar com a gente pra se proteger,

porque tinha uns carinhas a fim de pegar ele pra comer, e ele tinha medo. (Reportagem, p.06, 1979).

Percebemos, assim, que na prisão do Hipódromo as relações sexuais entre policiais e travestis permitem a inversão dos papéis: o policial poderá realizar um desejo de submeter-se passivamente ao ato sexual ou manter sua curiosidade em ver o tamanho do pênis da travesti. Isto faz-nos perceber como são múltiplas as identidades de gênero assumidas na prisão e como são deslocáveis.

Dentro da prisão ou fora é inegável o preconceito a que os homossexuais travestis eram submetidos: desde a extorsão de dinheiro, a serviços públicos gratuitos e abuso sexual.

Seja por parte de alguns policiais ou da própria sociedade e da família, tudo isto só tornava a vida dos homossexuais no Brasil mais difícil. Era por isso que o Lampião da Esquina militava a favor dos homossexuais, denunciava tais arbitrariedades e prisões injustas, e convocava os mesmos a saírem do gueto, a irem à luta, para buscar uma política humanitária justa.

A luta que o Lampião propunha era uma luta coletiva, era uma luta de classes: homossexuais, negras e femininas. Afinal, a violência contra os homossexuais não pararam por aqui, afinal aqui é a violência que acontecia dentro de determinados espaços sociais, agora compreenderemos outra forma de violência, manifestada na política de limpar as ruas, retirando do espaço público aqueles que os ameaçam, as prostitutas, travestis etc.

2.3 Violando os Corpos para Limpar a cidade

Como em todo processo histórico clássico, um filme ou desenho animado, sempre existe um personagem que se destaca, tornando-se o preferido do público, a ponto dele ser heroicizado e querido. O que torna tais personagens importantes são suas ações consideradas por muitos como a justa e a correta e sua luta incessante contra os vilões ou monstros.

Na história da homossexualidade brasileira na década de 1970 e 1980, um personagem inusitado surgiu para limpar as ruas de São Paulo, tornando-as espaços dignos de lazer para passeios das famílias ditas “normais”, tradicionais. Este

personagem da vida real foi o delegado J. W. Richetti e longe dele ser o “herói” que protege os indefesos, os injustiçados, sua proteção era dirigida às famílias de classe média e alta de São Paulo. Suas vítimas eram todos os excluídos da história, conforme a reportagem a seguir.

No fim de maio é transferido para a terceira seccional (centro) um delegado que se vangloriza de ter, na década passada, expulsado as prostitutas de São Paulo e criado a zona de meretrício em Santos. Nome do personagem José Wilson Richetti. Ele chega para levar o plano até as últimas conseqüências através de apurações Limpeza e Rondão. Com uma bem montada equipe interpolicial, sai pela cidade disposto a limpar não apenas os jornais residenciais, mas, sobretudo o centro da cidade, atacando as bocas de lixo, a Rego Freitas, Av. Ipiranga, Largo do Arouche, e Vieira de Carvalho, áreas freqüentadas por prostitutas, travestis, michês, lésbicas e bichas em geral. (TREVISAN, Violência, p.15, 1980).

É interessante notar que todos esses espaços geográficos descritos aqui e conhecidos por bocas de lixo, eram locais para se obter prazer fácil e por isso era freqüentado por prostitutas, travestis etc., que já tinha toda uma gama de clientes parciais e fixos. Estes clientes eram em sua maioria pessoas da alta sociedade, que percorriam tais espaços a procura de diversão após um dia inteiro de trabalho.

À medida que a cidade de São Paulo crescia e se desenvolvia econômica e urbanisticamente, tais espaços passaram a ser questionados pelos passantes moralistas e tradicionais que se incomodavam com a presença destes sujeitos marginalizados, exigindo mais segurança pública com o intuito de limpar os “espaços imorais”. Tais exigências foram imediatamente atendidas.

A ação ocorreu de tal modo que os carros de chapa fria ou camburões rondavam sistematicamente o centro ou estacionavam em pontos-chave como o largo do Arouche, levando presos quem não tivesse carteira profissional assinada. “Precisamos tirar das ruas os pederastas, maconheiros, e prostitutas”, é o que declarou o delegado Richetti. Complementando sua defesa pela limpeza das ruas, disse revoltado que certa noite topou com dois homens beijando-se em público. “Eles não respeitaram nem minha mulher”, reclamou. (TREVISAN, Violência, p.15, 1980).

Richetti, pela fala acima, impõem-se realmente com um ar de intolerância e não aceitação, onde os dois homens não podem manifestar-se afetivamente em público, diferentemente dele e sua esposa. O espaço público aqui é o espaço da normalidade, do respeito, da moral. Qualquer ação realizada nestes espaços que contrapunham tais

elementos era considerada indecorosa, imoral e ilícita. O delegado chocou-se com o beijo dos dois rapazes por considerar um atentado ao pudor, uma ofensa a sua esposa e a família.

E um travesti relata como Richetti abriu uma gaveta e fechou-a violentamente prendendo seus seios. Naturalmente esses infelizes são capazes de inventar tudo, porque não estão do lado da lei, que cria a verdade. Mas nestes dias não é preciso muito esforço para ver surras em público. Na esquina da Rego Freitas com major Sertório, investigadores tentam tirar a dentadura de uma travesti, para recolher a gilete aí escondida. Como ela jura aos berros, que seus dentes são naturais é espancada e tida por mentirosa. (TREVISAN, Violência, p. 15, 1980).

A ação da máquina policial de Richetti tinha por objetivo limpar a cidade e destinar esses criminosos para outros lugares onde a burguesia comercial não fosse perturbada moralmente. Legitimava-se assim uma segregação social, onde a cidade de São Paulo e outras tinham sua formação interna e urbanística a partir das relações sócio-econômicas e de gênero. As prostitutas, os michês e homossexuais ocupariam espaços urbanos completamente a margem da sociedade, espaços frequentados por drogados, assaltantes e por isso tidos como perigosos.

A “segregação”, explícita por limites bem determinados ou implícita no próprio modo de vida de cada ambiente urbano é, por tudo o que se viu, um elemento a mais para o delineamento da “forma interna” de uma cidade. É desta “forma interna”, destas subculturas urbanas postas em compartimentos específicos que a “segregação” se alimenta. (BARROS, 2007, p.76).

O Caçador Richetti com sua ação transformava o ambiente urbano de São Paulo, deslocando os homossexuais, fazendo estes procurarem novos pontos para vender seu prazer, seu corpo e sua mercadoria, embora ferindo os direitos humanos dos sujeitos a qual ele perseguia.

Direitos sexuais e direitos humanos tem vínculos para além da saúde. De acordo com Hassler (2010, p.25), “eles refletem igualmente em habitação, alimentação, vida privada, segurança pessoal, liberdade, integridade física, educação para/sobre sexualidade, respeito, planejamento reprodutivo e realização pessoal”.

É óbvio que o delegado ou caçador Richetti e seu bando não compreendiam o pluralismo sexual, violando todas as leis a que os homossexuais por serem pessoas

tinham direito, como o de ir e vir, o da vida privada, e claro o da integridade física. Mas nessa “caça aos veados” Richetti não estava sozinho e dizia: “só irei acabar com isso, quando os comerciantes e as famílias vierem me pedir” (TREVISAN, Violência, p.15, 1980). Assim, para eliminar os “veados da selva urbana”, Richetti não estava sozinho. Por trás dele havia outros caçadores.

2.4 Edifício do Prazer ou Edifício da Morte: O Holiday dos anos 70 e 80

O Edifício Holiday, situado na Rua Salgueiro no Bairro Boa Viagem, foi considerado por muito tempo um marco na arquitetura moderna do Recife. Inaugurado na década de 1950 com tudo de moderno que havia para os padrões de engenharia da época, o mesmo edifício foi perdendo sua importância conforme o tempo, bem como a mudança de seus moradores e clientes, que a princípio eram da elite recifense.

Um marco. Em 1957, no dia da inauguração um enorme tapete vermelho enfeitou a entrada principal. A cidade parou. Carros luxuosos estacionaram nos arredores. Uma gente bem nascida ali entrou. A elite se deliciava com a vista do prédio, poucas quadras da praia. A frente não havia outros prédios. Naquele dia, inaugurava-se a era dos arranha-céus de Boa Viagem. Seria o endereço de fim de semana das famílias abastadas. Ou moradia dos filhos de gente rica que vinha do interior estudar na Capital. Ter um imóvel ali, na Recife dos 1960, era sinônimo de Luxo. (QUINCAS, 2008, p. 03).

Assim era o Edifício Holiday, um espaço para o divertimento da elite pernambucana em Boa Viagem, por estar próxima a praia e a outros pontos de lazer. Porém, na década de 1970 e 1980 o edifício deixou de ocupar as páginas das revistas e jornais na condição de um edifício pomposo para a condição de um edifício da morte, perigoso, frequentado e habitado por pessoas que viviam à margem da sociedade.

Os novos habitantes do Holiday era composto por uma clientela diferenciada: músicos, médicos, prostitutas, operários, etc. Habitavam tais espaços devido ao valor do imóvel ser acessível a muitos. O local era frequentado por diversas pessoas, já que nos arredores de Boa Viagem a prostituição masculina e feminina era comum. O edifício tornou-se, assim, um “inferninho”, onde quem quisesse buscar prazer por certo período do tempo bastava frequentá-lo. Palco de prazer e ao mesmo tempo palco de mortes, o Holiday entraria assim para as páginas policiais devido a alguns crimes que ali

aconteceram e que foram apresentados no Lampião da Esquina, na seção que discutia sobre a violência de gênero.

Dos crimes do Holiday, dois merecem grande destaque por terem repercutido na cidade de Recife e serem reproduzidas nas páginas do Lampião da Esquina. Estes crimes tiveram como protagonistas dois homossexuais, como segue a reportagem.

Músico atuando no Grande Hotel e no Miramar, foi assassinado em Recife, o pianista Evar Lemoine Silva, o “Bamba”, com cerca de 40 anos. O crime aconteceu na manhã do dia 06 de maio, terça-feira, em seu apartamento (1324) do Edifício Holiday, no elegante bairro da Boa Viagem. Além de uma pancada forte na cabeça, o corpo estava cravado de facas, garfos e chaves de fenda em verdadeira orgia de sadismo. O principal suspeito começa sendo João Batista da Silva Neto, filho de um policial, logo preso, seguido de um desconhecido de 1m e 80 cm de altura, que habitualmente usa roupa branca e uma touca preta. Segundo a vizinha, “Bamba” e João seria caso há vários anos, embora não morassem juntos... Parece ser geral, no edifício Holiday, a convicção de que João, que vivia às custas de “Bamba”, teria sido o criminoso, por ciúme do novo namorado do músico. (CARNEIRO, Violência, pp.05-06, 1980).

Aqui como em outros crimes notificados pelo Lampião, a vítima conhecia o assassino e mantinha uma relação com ele, dando livre acesso às dependências da casa. João sabia que se Bamba terminasse com ele, a vida de presentes, dinheiro, luxo que ele recebia chegaria ao fim. Assim, inconformado com o fim do namoro ele decidiu matar seu parceiro.

A forma brutal como “Bamba” foi assassinado com perfurações por todo corpo permite-nos observar que não houve defesa na hora do crime, pois creio que ele primeiro derrubou o parceiro com um golpe na cabeça, imobilizando-o, e depois disso passou a perfurar o corpo da vítima com objetos pontiagudos. Assim, ciúme fora um fator pelo qual um homossexual fora morto por seu amante.

Outro caso de assassinato também aconteceu no mesmo edifício. Como descrito no Lampião da Esquina, sob a matéria: “Agora, mais um crime de morte, novamente no famigerado Edifício Holliday, lá no bairro de Boa Viagem. E mais uma vez cadê os assassinos?”.

Marcos José de Moura, o Marquinhos, conhecido e respeitado médico ginecologista, de 40 anos, foi assassinado na manhã de 04 de agosto, uma segunda feira, cerca do meio-dia, com uma cacetada que provocou a morte por fratura de crânio. Ainda no dia 07, alguns moradores do Holliday, que recusam-se a identificar ou ser

fotografados, garantem que o “assassino foi Fernando” e informam que ali moram “mais de duzentos homossexuais”. O delegado Barbosa diz que, “pelas provas encontradas até agora” e através de depoimento de testemunhas, Fernando é o assassino. Fernando confessa ter assassinado Marquinhos, que o andava paquerando, e confirma ser caso do Padre César. (Carneiro, Violência, p.03, 1981).

Vemos que existe aqui um triângulo amoroso entre um padre, um médico e um desocupado ou michê. Este, após ter assassinado o médico roubou alguns pertences dele, incluindo dinheiro. É notório observarmos que nas duas reportagens descritas, os assassinos frequentavam o bairro de Boa Viagem, e principalmente as proximidades do Edifício, visto que a maioria dos seus moradores são homossexuais, prostitutas, trabalhadores, estudantes. Então, podemos perceber que boa parte dos homossexuais que foram mortos no Ed. Holiday deu-se por ciúmes, deles ou de seus assassinos. Eram assim brigas de amantes, estando eles partilhando ou não da mesma identidade de gênero.

Logo, os homossexuais em todos os ambientes em que estavam não eram livres da violência. Pelo contrário, eles sempre foram reféns dela, seja no espaço público, caminhando pelas ruas como fora descrito neste capítulo, seja no âmbito privado, provocada pela família ou por seus amantes. Mas seja como for, o objetivo da violência era destruir a homossexuais e sua homossexualidade, seja “curando” pelo tratamento de choque, seja matando os mesmos.

O que não deixa dúvida, porém, é que esta violência externa, que implica a destruição do outro e de sua história, por meio de tiros, facadas, espancamentos, estrangulamento ou afogamento é apenas a ponta do iceberg de uma violência muito mais difusa e generalizada que alcança milhões de homossexuais em suas vidas cotidianas, muitas vezes marcadas por histórias de intolerância e discriminação que começam em casa e se reproduzem na escola, na vizinhança, no local de trabalho e na relação com médicos, policiais e profissionais de estabelecimentos comerciais. (NETO, 2003, p.37).

É importante frisar que boa parte destes crimes ocorridos contra homossexuais não são solucionados por que a família por vergonha decide não levar o caso adiante, e quando os criminosos são presos logo são postos em liberdade, porque seus advogados alegam por meio de discursos científicos e outros de que seus clientes foram apenas às vítimas dos homossexuais. Em síntese o criminoso aqui no Brasil não é o que mata,

espanca, é o homossexual que se oferece e provoca. Na “terra dos machos de verdade”, “veados” não tem vez; tem mais é que serem caçados e mortos.

Tamanha violência no Brasil contra os homossexuais era reflexo de que o país não era culturalmente desenvolvido e apto a aceitar e conviver abertamente com as outras formas de experimentar e vivenciar a sexualidade. Uma das últimas entrevistas do Lampião da Esquina é com um Juiz que declara o motivo pelo qual o nosso país tem tanto preconceito. Observamos a fala dele quando Aguinaldo Silva pergunta o porque das prisões serem em sua maioria contra negros e homossexuais sob acusação da vadiagem, sendo que boa parte destes trabalham.

Mayrink – eu concordo que num processo histórico, as minorias sempre sofreram grande repressão, em razão de padrões éticos e estáticos. Mas á medida que uma sociedade vai se adiantando em seu processo cultural, esses padrões também evoluem; uma sociedade num estágio adiantado da cultura respeita a pessoa humana; e isto só é possível quando se aceita, cada pessoa como ela é. (SILVA, Entrevista, p.13, 1980).

Quando o Lampião da Esquina de 1978-81 notificava as violências contra os homossexuais, era uma forma de alertar a eles, homossexuais, o que acontecia no cotidiano. Era uma forma também de criar resistência contra esse sistema hostil, patriarcal e violento, É uma forma de alertar que o quê estar sendo agredido, morto, não é um veado, um animal, um monstro, ou um doente como fora descrito neste capítulo, é antes de tudo um sujeito humano, um cidadão. .

Lampião também assumiu a função do caçador, mais longe de caçar veados, Lampião caçava a hipocrisia policial e social brasileira contra os homossexuais. Em síntese, Lampião caçava os caçadores.

CAPÍTULO 3

A LITERATURA: ESCRITA DE PRAZER OU ESCRITA COMO PODER?

A literatura pode ser considerada apenas como uma obra escrita para o deleite e prazer, entretanto, é necessário observarmos que por trás de uma obra, conto literário, existe todo um contexto social, histórico que pode ser traduzido para uma pesquisa acadêmica. Ao lermos um texto literário construímos muitas vezes identificações com os personagens e suas vivências espaciais, seus sonhos, suas lutas, suas paixões, vitórias e derrotas. Cada personagem da literatura carrega em si um pouco de nós.

A literatura nestes termos serviria, a nós pesquisadores, como auxílio a uma fonte histórica? A resposta a esta pergunta será abordada neste capítulo, a partir da análise de contos e trechos de livros literários, apresentados e divulgados pelo Lampião da Esquina.

Neste Capítulo procurarei enfatizar como o Lampião da Esquina utilizou da literatura para reforçar os problemas sociais a que os homossexuais estavam submetidos, bem como desenvolver a ideia de que as identidades de gênero são plurais, múltiplas. Percebe-se que a literatura foi explorada pelo Lampião da Esquina como uma forma de militância contra o preconceito. Ficção e Realidade. Era assim a Literatura apresentada pelo Lampião. Uma literatura envolta por interesses sociais, intelectuais, entre outros. Uma escrita literária que funcionava como representação da sociedade homossexual, que tem como contexto seus medos, suas paixões, alegrias e tristezas.

As representações do mundo social, como práticas intelectuais, dentre elas, as ficcionais, como as literárias, são sempre marcadas por múltiplos, complexos e diferenciados interesses sociais, sobretudo, aqueles dos grupos sociais que as forjam. Daí, ser necessário relacionar os discursos proferidos com a posição social de quem os produz e de quem os utiliza, visto que as percepções do social não neutras produzem e revelam estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade, uma hierarquia, um projeto, uma escolha. (BORGES *apud* CHARTIER, 2010, p.96).

Assim, por trás de cada escolha e apresentação de texto literário no Lampião da Esquina, existia interesses e objetivos próprios dos seus editores que escolhiam o texto mais viável para cada edição. Desde os textos literários que permitem refletir sobre as identidades de gênero enquanto construção, até textos que evidenciam o cotidiano de preconceito a que os homossexuais são submetidos.

3.1 Literatura e História: uma ponte para um saber construtivo

A História durante o século XIX era pautada apenas em documentos oficiais, estes tidos como as únicas fontes de pesquisa histórica como defendia a escola metódica positivista. Com o século XX, novas propostas teóricas e metodológicas são reverenciadas no campo da pesquisa histórica. O historiador do século XX vê-se em volta por uma infinidade de possibilidades temáticas de se estudar a História.

Já não é mais concebível no círculo acadêmico apenas uma História Política ou Econômica. Frente à Nova História Cultural pós meados do século XX, temos assim novos sujeitos, novas vidas a serem problematizadas, criticadas e pesquisadas. A história é capaz agora de envolver sujeitos populares, ou melhor, pessoas que estão nas margens, nos becos escuros ou nos guetos; trabalhando, caminhando ou namorando.

Não foram apenas as possibilidades temáticas que se renovaram para o historiador do século XX. O profissional em História vê-se envolto por um mundo novo de procedimentos metodológicos para a pesquisa histórica, que vão desde o uso do Carbono 14 até o uso da informática. As fontes históricas também serão novas ao trabalho do historiador, podendo ser cartas, bilhetes, fotografias, jornais e literatura. Novas fontes, novas técnicas e novos sujeitos. Este era o início de uma Nova História.

A ampliação do repertório das fontes históricas e a metamorfose do próprio conceito de fonte inseriram-se no crescente movimento de renovação da historiografia no século XX, ocorrido primordialmente na França, mas com repercussões em vários outros países, incluindo o Brasil. (FERREIRA, 2009, p.63).

Uma das justificativas que faziam com os historiadores mantivessem certo distanciamento da Literatura seria o fato desta última não ter um compromisso de narrar os fatos sociais baseado em fontes como o faziam os historiadores. A escrita literária seria marcada assim pelo subjetivismo imaginário, dos seus escritores, que apesar de pautar-se no real para legitimar sua escrita, não precisava comprovar suas informações, ou melhor, suas fontes. O historiador tem, assim, uma preocupação maior de impor ao leitor os fatos do passado e as fontes que o comprovam, falando assim com autorização.

Mesmo porque, consagradamente, pesa sobre o historiador o papel de desempenhar a fala autorizada sobre o passado. Mas, mesmo detendo esta autoridade da fala, o historiador se vale dos recursos da linguagem, do esforço retórico do convencimento, das evidências de pesquisa. Estas evidências são a exibição de referências bibliográficas,

citações, indicações de fontes e notas de rodapé para mesmo provocar o leitor, como já foi antes assinalado: se não acreditar ou não estiver convencido, refaça meu caminho e comprove por si mesmo... Na prática, sabe-se que o público não enfrentará o desafio, se contentando com a evidência da pesquisa e da erudição, o relato do caminho percorrido, resguardadas pela autoridade da fala. (PESAVENTO, 2003, p.39).

A Literatura e a História seriam assim narrativas que tem o real por base de enquadramento. Livros literários conhecidos por nós servem como fonte histórica para compreendermos determinados cotidianos sociais. Como exemplo está “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, livro composto em três partes: “A terra”, “O Homem”, “A Luta”, que conta a história dos conflitos que se deram no início da Primeira República, na figura de Antônio Conselheiro acusado pelos republicanos de ser Monarquista. Outro livro que marca o cotidiano social na 1ª República é o livro “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, que aborda o cotidiano da classe trabalhadora e as desigualdades a que estavam submetidos. Esta foi uma obra que provocou o leitor a refletir das vivências em instalações baratas acessíveis à população pobre, ou seja, os cortiços. São inúmeras as possibilidades que a literatura oferece ao historiador. Entretanto, cabe-nos perguntar como o historiador poderia trabalhar com ela, fazendo-a um dos seus materiais de pesquisa. A esta pergunta, Ferreira (2009, p. 78) tem a resposta:

O papel do historiador é confrontá-las [as literaturas] com outras fontes, ou seja, outras linguagens escritas, visuais e sonoras. Os teóricos designam essa condição literária de intertextualidade, assunto que tem motivado numerosos estudos acerca da interação entre ele e diferentes estruturas narrativas.

As literaturas utilizadas pelos historiadores variam muito de acordo com as suas problemáticas de pesquisa e seus objetivos. Um romance, um conto, uma obra cômica, pode dizer muito desde que sejam problematizadas, questionadas e criticadas. O texto literário e o texto histórico podem se fundir formando um discurso social e histórico, desde que o historiador saiba trabalhar essa fonte.

Se o historiador estiver preocupado com datas, fatos, nomes de um acontecido, ou se buscar a confirmação dos acontecimentos do passado, a literatura não será a melhor fonte a ser usada... Mas, se o historiador estiver interessado em resgatar as sensibilidades de uma época, os valores, razões e sentimentos que moviam as sociabilidades e davam o clima de um momento dado no passado, ou em ver como os homens representavam a si próprios e ao mundo, a Literatura se torna

uma fonte muito especial para o seu trabalho. (PESAVENTO, 2003, p.39).

A História na Literatura e a literatura nas histórias estabelecem um diálogo de exposição dos fatos, dos acontecimentos, das práticas e representações que os escritores fazem dos homens da sua época. Este diálogo permite-nos ver o que outras fontes históricas não nos permitem. A literatura ajuda-nos a construir pensamentos de militância em defesa da sociedade. A obra literária ou a obra histórica são assim advogadas do seu tempo, seja para impor acusações, seja para nos impor defesas.

Criada em tal ambivalência, a obra literária passou a ser considerada utensílio, arma de combate, voltada para a transformação do corpo social, tendo em vista um limite de perfeição calcada na conquista da ciência. Repelindo a “arte pela arte” desinteressada e egocêntrica, os adeptos do realismo, sobretudo os mais ortodoxos, pregavam a arte compromissada ou engajada. (MOÍSES, 2006, p.16).

A literatura presente no Lampião da Esquina é uma literatura engajada e comprometida com a mudança social; uma literatura que denuncia, expõe e critica o tratamento dado aos homossexuais. É antes de tudo uma literatura homoerótica, onde seus personagens são homossexuais vivendo dentro de espaços que os oprimem.

A literatura do Lampião da Esquina é homoerótica por que nos permite criticar as identidades tidas como fixas, fechadas ou imutáveis permitindo-nos refletir sobre estas classificações impostas pela sociedade, ao mesmo tempo que permite mostrar que tais identidades são múltiplas, que é necessário desmontar as classificações.

É nesta perspectiva que boa parte da literatura do Lampião da Esquina é uma literatura politizada e envolvente; as escolhas dos textos literários não eram dadas ao acaso com o intuito de apenas excitar o leitor. A escolha da obra ou trecho da mesma e de seus autores tinha um propósito determinado: fazer-nos pensar nossas práticas em um mundo excludente. A literatura não é apenas uma escrita para o descanso da mente, para o prazer. Pelo contrário, é uma escrita e um discurso politizante.

O livro de literatura não é escrito para ser julgado como uma obra clássica, boa ou ruim. Sua intenção é maior; é atingir nossa subjetividade, é nos alertar e ao mesmo tempo nos incomodar, nos deixar inquietos e prontos também para lutar. Como afirma Ferreira (2009, p. 74):

Em suma, que rigorosamente não há obras clássicas por si mesmas, nem obras boas ou ruins. O que há são escolhas – e o poder daqueles que os fazem. Literatura não é apenas uma questão de gosto: é uma questão de política.

Assim, podemos observar que o Lampião politizava o leitor, seus contos e capítulos de livros literários eram de autores conhecidos na sociedade brasileira, como o argentino Manuel Puig, com a obra “O beijo da Mulher Aranha”, “Internato” de Paulo Hecker Filho, “Fada Madrinha” de Darcy Penteado, o “Amor Grego” de Aguinaldo Silva, “Domingo sem néctar” de João Gilberto Noll, “A dona boazuda” de Pedro Hilário, “O maricas” de Abelardo Castillo, “Os sete estágios da Agonia” escrito por João S. Trévisan, “Ode ao Mar” de Fernando Pessoa, “Confissões de Marlene” de José Louzeiro, entre outros.

A literatura do Lampião da Esquina era apresentada mensalmente e nas últimas páginas do periódico. Porém, de outubro de 1980 até junho de 1981 por motivo não investigado aqui não houve publicações literárias no Lampião. Analisaremos aqui não todos os contos e trechos literários, mas aqueles que considero mais importantes na defesa dos meus objetivos.

3.2 A literatura que questiona as identidades fixas

As identidades são campos de identificação social, sexual, etc. construídos a partir das relações sociais. Elas são frutos de vivências e experiências que se institucionalizam a partir diversos saberes e discursos. São nestes termos que surge toda uma divisão social e sexual identitária, como por exemplo, homossexual, bissexual, g0ys ou góis (termo recém criado no qual dois homens fazem sexo oral entre si, porém não aceitam penetração anal, não se identificando como homossexuais), entre outros.

Como já foi esclarecido no primeiro e no segundo capítulo, a heterossexualidade é uma identidade de gênero construída socialmente e imposta à sociedade por meio de discursos religiosos, médicos, jurídicos entre outros, que normalizava tal identidade em desprezo às outras, como a homossexual, bissexual, etc, considerando-as anormais.

A literatura do Lampião da Esquina vem justamente se opor a ideia de que a heterossexualidade é a única identidade normal e por isso aceita socialmente; sua proposta é justamente questionar as identidades de gênero, propor que as mesmas são construídas a partir das relações sociais e por isso não são fixas, prontas e acabadas. As

identidades de gênero seriam assim múltiplas, abertas, permeadas por várias possibilidades de se vivenciar as práticas sexuais.

Os três principais contos apresentados no *Lampião da Esquina* que confirmam que as identidades são constructos dadosa desmontagens ou rompimentos são: “O Beijo da Mulher Aranha”, de Manuel Puig; “A Dona Boazuda”, de Pedro Hilário; e “Domingo sem Néctar”, de João Gilberto Noll.

O *Beijo da Mulher Aranha* é um livro argentino, escrito por Manuel Puig em 1976, e tem como espaço principal uma cela de penitenciária onde está preso Valentin, considerado uma ameaça ao estado por ser comunista, bem como por defender os grupos de guerrilha urbana. Valentin é um personagem marxista, racional e que portanto está preso a ideia de que a homossexualidade seria resultado de uma sociedade influenciada por um capitalismo decadente.

Mais adequado seria dizer que o livro mostra a expectativa homossexual de se unir aos que também reivindicam uma sociedade mais justa, mas, contraditoriamente, sempre evitaram discutir o homossexualismo com a boçal alegação de que ele é fruto do capitalismo em decadência... (SANTOS, Literatura, p.14, 1978).

A vida de Valentin bem como concepções identitárias e de gênero passarão por questionamentos, reflexões, com a chegada de seu novo parceiro de cela, Molina. Molina é homossexual, frágil e de características completamente efeminadas. Ele é o oposto de Valentin. Sua prisão dá-se por ser acusado de abuso de menor. Na cela da penitenciária, assim, tem-se o encontro do marxista, idealizador e revolucionário com o homossexual que tem por desejo a felicidade ao lado da mãe, livre de todo preconceito.

São colocados assim frente a frente, duas ideologias aparentemente opostas e contraditórias: a do marxista engajado na guerrilha e a do homossexual que sonha e sofre em função dos mitos forjados pela sua vivência. (SCHUCARTZ, Literatura, p.20, 1980).

Valentin e Molina, assim, tornam-se grandes amigos, criando um forte vínculo. Enquanto Valentin politizava Molina, falando de revoluções, igualdade, grupo político, Molina fazia Valentin repensar suas próprias reflexões acerca da homossexualidade. A amizade de ambos e o tempo na cadeia era embalado pelas histórias de filmes que Molina contava, dos filmes que tinha assistido, das personagens de que mais gostava e se identificava.

A amizade de Molina e Valentim crescia no ambiente fechado da penitenciária, a ponto de um depender do outro; uma dependência física e afetiva. Valentim rompe assim com sua identidade heterossexual e deixa-se embalar em uma relação homoafetiva com Molina, relação esta que começa a partir da troca de beijos entre os dois personagens.

- Molina, que é?, queria me pedir o que pediu hoje?
- O quê?
- O beijo.
- Não, era outra coisa.
- Não quer que eu lhe dê agora?
- Sim, se não lhe dá nojo. (PUIG, 1978, p.16).

Assim podemos compreender como a partir da convivência na prisão, das trocas de ideias e confidências entre os personagens, a identidade de Valentim, heterossexual, é posta em xeque, em desvio e em desconstrução. Porém o que possibilitou esta desconstrução da identidade de Valentim foi tanto o ambiente da prisão, já que o local é composto unicamente por homens reclusos, bem como a carência, da qual sofria e que Molina viera a completar mesmo que momentaneamente, já que ele viria a sair da cadeia.

É interessante observarmos que além da desconstrução identitária presente no trecho do livro, outro fator é evidente: a perseguição a homossexuais não é apenas uma realidade brasileira, a Argentina também era hostil aos homossexuais. Basta lembrar novamente que Molina fora preso por perseguição de menor. Além disso, na Argentina surgiram também grupos políticos que lutavam contra tais prisões e defendiam seus direitos. Um desses grupos de defesa aos direitos homossexuais é o Frente de Liberação Homossexual na Argentina, criado em Buenos Aires a partir de 1969, contra a repressão policial.

A constante repressão policial, que se materializa em periódicas batidas em cumprimento aos editos que condena toda pessoa homossexual – ou que o pareça – com a pena de 21 a 28 dias de cárcere, é um dos motivos que mobilizaram esse grupo: A seção moralidade da Polícia Federal detém semanalmente em ruas, bares e saunas, dezenas de homossexuais, baseando-se unicamente em seu critério: todo homossexual é um escândalo público ou um possível corruptor. (SILVA, Reportagem, p.06, 1978).

Assim, podemos compreender que o Lampião da Esquina ao publicar o livro “O beijo da mulher aranha” do argentino Manuel Puig, não apenas objetivou pensar as desconstruções identitárias na figura de Valentin e Molina, como também denunciar a realidade dos homossexuais em outros países e até mesmo construir alianças com estes para uma luta mais ampla. Assim, a literatura não foge da realidade.

O conto de Pedro Hilário, “A dona boazuda”, vem justamente reforçar a ideia de que as identidades são construções sociais onde as masculinidades são expressões que se desenvolvem de diversas maneiras e modos. “A dona Boazuda”, publicado na edição de Setembro de 1978, tem como personagens principais um trabalhador da construção civil, pedreiro e uma personagem de nome Maria Rosa. O local que acontece o desenrolar dos fatos é justamente na construção onde ele (pedreiro) trabalha. O texto é narrado em primeira pessoa, onde o personagem narrador estabelece uma comunicação direta com o leitor. No seu primeiro encontro com Maria Rosa já é notável tal comunicação.

Vou ser franco com vocês. Pois, quando vi a tal boazuda parada ali naquela esquina, me arrepiei que nem galo de briga e só falei cair duro pra trás, no que ela atravessou a rua e fez um sinalzinho assim pra mim. Aí, que fiquei foi doido de vontade! Então não! (HILÁRIO, Literatura, p.20, 1978).

Maria Rosa estava perto da construção em que este operário-narrador trabalhava. Por este estar só, longe dos carinhos da esposa, da família, decide-se envolver em uma aventura extraconjugal com ela. Assim eles começam a desenvolver todo um ritual de prazer, com corpos entrelaçados. Ritual este interrompido com uma descoberta não tanto agradável num primeiro momento.

Aí pensei cá com meus botões que aquilo ia ter de ser na surpresa, comecei e dar beijo na dona pra deixar ela tenta, e quando já estava bem crespa de arrepio, eu... zás!... arranquei a calcinha mas ali no escuro não dava pra ver. Levei a mão. Nem vão acreditar no que eu segurei. (HILÁRIO, Literatura, p.20, 1978).

O operário surpreendeu-se porque Maria Rosa, na realidade, não era uma mulher como ele tinha idealizado, imaginado desde a primeira vez que a vira. O contato com o órgão sexual dela fez com que ele descobrisse que na verdade ela era um homem como ele. Após tal descoberta, nosso personagem passa a agredir fisicamente a personagem,

com palavras e pancadaria: “Dei-lhe uma surra, bati pra valer, pra ensinar o safado a tomar vergonha na cara” (HILÁRIO, Literatura, p.20, 1978).

Percebemos assim que Maria Rosa apesar de ter um órgão sexual masculino construiu para si uma representação feminina a partir de suas práticas sociais e seus desejos, legitimando para si uma identidade, de modo que, podemos compreender que não existe o gênero feminino ou masculino mas representações desses lugares sociais, o que existe são construções identitárias a partir da realização e satisfação dos nossos desejos sejam eles sexuais ou não. Maria Rosa se veste como mulher e assume perante o personagem narrador, um papel passivo após as agressões físicas sofridas por ele.

Fui por trás, peguei nos peitos – cada bolotão! – e ela encostou já sem medo, pedia, queria a boca abertinha. Ah, meu camaradinho fui que fui e ela gostou que gostou! Quando acabou a festa, vesti ela, cada palma de coxa e eu beijei doce. (HILÁRIO, Literatura, p.20, 1978).

O personagem-narrador se envolve com Maria Rosa, ao tempo que fragmenta uma identidade fixada pela sociedade, a da heterossexualidade. Reside a ideia de que o homem nordestino, o macho, está voltado para o trabalho duro, um homem forte, viril, e acima de tudo mulherego e, por isso, desprovido de sentimento.

A obra e o personagem narrador põe em xeque essa construção social demonstrando que essa masculinidade do “Paraíba”, do nordestino, não existe, é uma fabricação. Assim, a masculinidade possui várias formas de expressão e a do nosso personagem, o pedreiro, sob a travesti Maria Rosa, é mais uma delas. Masculinidade expressa sem arrependimento, firmada pelo desejo que o mesmo sentiu; um sentimento que culminou na prática do ato sexual.

É seus paraíbas, é verdade isso, a vida tem dessas prosopopéias com a gente. Cambada de desrespeitados é o que vocês são. Pra que tanto riso heim? Não vão dizer que nunca frequentaram uma cabritinha, heim? Quando agente tá seco, qualquer cachaça serve... E agente bem que gosta. (HILÁRIO, Literatura, p.20, 1978).

Logo, a experiência do personagem-narrador permiti-nos refletir sobre a multiplicidade das identidades e preferências sexuais, e de como estas são permeadas, flexíveis, resultante de subjetividades particulares de cada ser. Ao mesmo tempo ele firma, legitima não se arrepender de ter saído com uma travesti: “Quero ver quem fica

quieto com uma belezinha daquelas por perto. Melhor que cabrita, melhor que muita mulher, mesmo dessas que agente pega” (HILÁRIO, Literatura, p.20, 1978).

Para além de perceber as múltiplas identidades de gênero bem como as várias formas de expressar a masculinidade ou feminilidade, o conto possui uma lição de denúncia: a da vida hostil a que as travestis vivem na sociedade brasileira. Aquelas que não têm emprego fazem programas, e as que têm necessitam de outros serviços para sobreviver, como afirma Jorge/Geórgia em entrevista no Lampião da Esquina (1978, p. 09): “Salário de travesti é igual ao de gráfico em firma em decadência: está sempre descendo. Se eu vivesse só de shows, estava roubado. Por isso tenho minha profissão de esteticista, que até agora foi o que me deu tudo o que tenho”.

Podemos compreender assim que Maria Rosa é a personificação de muitas travestis e de suas vidas difíceis na sociedade Brasileira.

Percebemos que no primeiro e no segundo texto literário as identidades dos nossos personagens Molina e do operário paraibano foram submetidas a questionamentos, reflexões por eles mesmos e a um sentimento de felicidade e prazer por ter vivenciado novas práticas, novas descobertas, sem arrepende-se. O terceiro texto literário vai nos permitir questionar as identidades fixas, mas sem envolvimento carnal e sexual entre os personagens.

No conto “Domingo sem néctar”, de João Gilberto Noll, o autor propõe analisar como a quebra identitária não se faz diretamente por meio de contato ou ato sexual. Existem outras maneiras de um “desvio da identidade heteronormativa” e, portanto, a legitimidade de outras práticas. Um exemplo disso é o personagem principal desse conto, um viajante que está indo buscar sua esposa em Sete Espadas, na casa dos pais dela. Esta esposa, entretanto, já não extrai mais o “fogo” dele, ou seja, não desperta mais desejos. Este sentimento solitário, carente de afeição, e distanciamento da mulher é justificável para ele, que acredita ter sido motivado pela morte de seu filho.

A mulher não extrai mais o seu fogo e vive as voltas com seus produtos Avon. Vende-os de porta em porta pois o marido a entendia. Ela tem sangue de índio e encontrou um homem inverossímil posto que extremamente jovem mais perfeito amante. (NOLL, Literatura, p.20, 1980).

É interessante observar que neste conto o personagem desconhece que a mulher tem um amante, e sempre põe a culpa do fracasso sexual e não em si, mas na mulher. Entretanto, existe um fator que fará com que nosso personagem, o viajante, reative seu equilíbrio sexual, sua libido. A cena deste fato ocorre em um bar quando após tomar uns *drinks*, vai ao banheiro urinar. Ao chegar no banheiro, o viajante despe-se. Porém, imediatamente chega um outro rapaz que se posiciona ao lado do viajante e realiza o mesmo procedimento.

A urina continua escorrer meio escassa, um rapaz abre a braguilha ao lado do viajante, retira o pênis, começa a mijar, começa a mijar, o viajante olha sem se mover e sente a sua própria mão queimar. Perturba-se com a sensação estranhamente quente na mão e volta logo a olhar para inscrição ANISTIA. (NOLL, Literatura, p.20, 1980).

A sensação de queima nas mãos do viajante é o estado de excitação que ele fica ao ver o pênis do outro ao seu lado. A estranheza que ele experimenta deve-se ao fato de sua excitação ter ocorrido por um homem, já que o mesmo era casado com mulher e tinha desejo pela sua esposa. O personagem passou a questionar sua própria identidade. Questionamento este feito dentro do banheiro, ao olhar a palavra ANISTIA.

O mais interessante de tal conto é a acepção do termo ANISTIA que significa naquele contexto a sua liberdade; e como tal termo está grafado dentro de um banheiro masculino, é justo observarmos que quem o escreveu percebe o banheiro como um local propício para a liberdade sexual, para os encontros amorosos, para se anistiar dos valores identitários heteronormativos. E assim, busca-se desviar, deslocar ou sair das classificações sociais.

O personagem do conto, após a excitação provocada pelo parceiro de banheiro, bem como seu olhar conservado no termo ANISTIA, passa a refletir sobre uma abelha rondando uma flor. Segundo Noll (Literatura, p.20, 1980): “imaginar a abelha rondando a flor, a abelha aproximando-se da flor, tocando a flor, inspecionando o terreno da corola, sua jazida de néctar que fabricará o mel”. A abelha seria ele, a flor seu parceiro de banheiro e a jazida de néctar seria a relação sexual que eles poderiam ter. Relação esta que não acontece, afinal, tudo isso não passa de uma imaginação do viajante, que ao terminar de urinar, ele decide seguir viagem.

A moral desses contos presentes no *Lampião da Esquina*, publicados em suas páginas em plena anistia militar de 1979, é pensar como as identidades sexuais são construídas a partir ou não do pertencimento de seus personagens em suas relações e espaços sociais elaborando suas práticas, desejos e prazeres.

As identidades são regras, normas, práticas e representações, impostas a um corpo sexuado onde cria-se binarismos que é necessário romper. Segundo Araújo (*apud* BUTLER, 2011, p.37):

A desconstrução das identidades fixas e de que as mesmas pensadas e resignificadas sejam armas para questionar os conservadores identitários do que funda as desigualdades entre os corpos gendrados. Ou seja, a fronteira entre o binarismo, sexo-gênero, heterossexualidade-homossexualidade-bissexualidade, são porosas e perturbadoras.

É partir daí que podemos observar que as identidades não são fixas, que as fronteiras são transponíveis e que as identificações sexuais, sociais, raciais entre outros, não são naturais. Esta primeira parte da Literatura homoerótica já nos narra isso. Mais do que narrar as (des) construções identitárias, a literatura também nos “mostrou” que a realidade dos homossexuais era difícil na sociedade de seus livros. Os leitores das páginas literárias reconheciam-se entre elas, compreendiam que a realidade homossexual contextualizada na literatura era também sua realidade.

3.3 Descobrimo a paixão: uma literatura dos enamorados

Aqui será discutido como a Literatura do *Lampião da Esquina* fez-nos compreender que os homossexuais não são seres anormais, doentes, pecaminosos, seres do demônio, criminosos, etc; acima de tudo, são sujeitos que amam, riem, sofrem e se apaixonam, desejando apenas a aceitação social. Os contos que se seguem tratam sobre as paixões vivenciadas pelos homossexuais e as dificuldades que os mesmos encontram para vivenciar as mesmas.

“Amor Grego”, de Aguinaldo Silva, e “Internato”, de Paulo Hecker, são dois textos literários envolventes que falam justamente sobre a possibilidade de amar dos homossexuais, mas como essa possibilidade encontra dificuldades sociais manifestadas no preconceito, na exclusão.

“Amor Grego” foi publicado no Lampião da Esquina em dezembro de 1979. Seu autor, Aguinaldo Silva, segundo Holanda, (2010, p.02), “Não descreveu nem representou, em suas narrativas, os marginalizados e excluídos a partir de uma visão meramente externa e distanciada da sua experiência de sujeito”. A visão e criação dos personagens e espaços apresentada pela literatura de Aguinaldo Silva é uma visão do próprio autor, de suas vivências e porque não experiências.

Aguinaldo Silva não foi apenas um jornalista e escritor literário. Sua influência ainda é maior na comunidade homossexual, visto que o mesmo é um dos editores do Lampião da Esquina. Então boa parte da literatura deste autor será baseada em fatos, ocorrências, vivências e experiências que Aguinaldo Silva via e ouvia na época que trabalhava no periódico.

“Amor Grego” começa sua história em um cabaré, onde Antônio Cavalcante de Barros ganha à vida como cantora travesti sob o nome de Lina Lee. Os seus frequentadores eram de diversas localidades e profissões, sendo em sua maioria marinheiros que iam gastar o ordenado com bebidas e mulheres.

Nossa personagem, Lina Lee, ao estar cantando vê-se mirada por um olhar, olhar masculino, olhar de desejo. No entanto ela não interrompe o show. Após o término deste, ela segue para casa quando de repente alguém toca no seu braço e diz no seu ouvido: “Primeiro você ganha dinheiro de Noruegas, Japoneses, muito dinheiro. Depois, me dá o dinheiro. Eu vou para cama com você”. (SILVA, Literatura, p.20, 1979). A voz era do marinheiro grego Cristo.

Lina Lee não acredita no que ouve, sente-se usada, ignora o marinheiro dando-lhe uma bofetada. Esta, por sua vez, passa a persegui-la na rua. Ela tensa e com medo, acha que o marinheiro vai revidar a agressão, vai até matá-la. No entanto, para sua surpresa o oposto acontece:

Aquele homem belo e enorme aproximou-se de mim verozmente, e eu fechei os olhos, mas abri-os logo depois quando senti sua boca quente contra a minha, e seus lábios mordendo os meus até que o gosto de sangue ultrapassou a barreira dos nossos dentes. Havia bocas e havia nossos corpos colados um ao outro, e quantos intermináveis segundos aquilo durou, nunca poderei precisar. (SILVA, Literatura, p.20, 1979).

A partir daí, Lina e Cristo seguem juntos para uma pensão situada em um bairro periférico. A ida a pensão tem por objetivo consumir o amor homoerótico, afinal Lina e Cristo estavam enamorados, desejando-se. Ao chegar a pensão, pertencente a uma amiga de Lina, os dois personagens procuram um quarto onde concretizam o amor. Entretanto, por um incidente a pensão pega fogo e nossos dois personagens morrem. Ficam no local apenas as lembranças de um Amor Grego.

O interessante deste conto é justamente a paixão, o desejo e o prazer homoerótico que envolve nossos personagens. Porém a concretização de tal desejo só pode ser vivido, despertado e vivenciado em locais às margens da sociedade. São lugares que não ameaçam a moral e os bons costumes de uma sociedade normativa. São locais tolerados, mais desde que distantes da sociedade normalizante. São locais que invisibilizam os sujeitos marginais, homossexuais, prostitutas, pobres, negros, etc.

Assim, espaços como o bar, o cabaré, a pensão e até mesmo a rua contribuem para certa invisibilização desses indivíduos e para contínuos processos de desterritorialização e reterritorialização dos mesmos. Lina Lee e o Grego Cristo, ainda que invisibilizados, socialmente, encontram certos espaços que funcionam como territórios de subversão dos valores morais hegemônicos, através de práticas de desejos homoeróticos de maneira livre e ausente de crises existenciais sobre a própria subjetividade. (ARAÚJO, 2011, p.12).

Logo, a vivência dos amores homossexuais na sociedade brasileira de 1978-81, só era permitida em locais afastados, escondidos, marginais da cidade. Neste conto, os nossos personagens já sabiam que pensão procurar, que local ir, não tendo tanta dificuldade de encontrar um espaço para praticar seus desejos, diferentemente do nosso próximo conto.

A novela “Internato” publicada em 1951, de Paulo Hecker Filho, é uma das pioneiras na temática homoerótica perdendo apenas para a obra “Bom Crioulo”, de Adolfo Caminha, publicado em 1895.

Dez anos depois veio ao público Bom Crioulo (1895) de Adolfo Caminha, considerado por muitos uma das primeiras obras homoafetivas brasileiras. O livro foi recebido com silêncio pela crítica literária e pelo público, tanto pela ousadia em retratar a homossexualidade em um ambiente militar, como por relatar cenas de sexo inter-racial. (FERREIRA, 2013, p.01).

“Bom Crioulo” se passa na Marinha, sendo a história inter-racial de Amaro, um negro, com Aleixo, um jovem grumete de pele branca e olhos azuis, que vai servir no mesmo navio que Amaro. Aleixo é jovem e inexperiente, Amaro por sua vez é maduro, experiente, forte e robusto. A inexperiência de um com a experiência de outro faz surgir assim uma forte relação de amizade e trocas de experiências entre ambos. Relação esta que culminará em um envolvimento afetivo.

Já “Internato”, de Paulo Hecker Filho, relata a história de Jorge e Eli. Jorge sai do internato no sábado e juntamente com seu parceiro, Eli, procuram uma hospedaria para passarem o fim de semana juntos. A história gira em torno das dificuldades em encontrar alguém que os queira hospedar, uma vez que eles são homossexuais. Assim a partir da saída de Jorge do internato até encontrar alguém que os hospedem, a trama de se desenvolve.

- Ao primeiro Chofer, Jorge indaga:
- Você sabe um randevu aqui perto?
- Sei. Tem a Luiza, se querem gastar.
- Não coisa barata
- Só mais longe pode ser. Hoje, sábado, está tudo cheio, vocês sabem.
- Está bem, então.

Embarcaram os dois atrás. (HECKER, Literatura, p.20, 1980).

Num Sábado sem aula, os amantes preferem procurar um local mais afastado do internato e também mais barato. Eles assim entram no carro e procuram pela cidade um Randevu mais acessível financeiramente; procura esta que demora. Porém, após rodarem a cidade, encontram um local propício. Mas para surpresa de ambos, quando a recepcionista descobre que o quarto é para eles, para dois homens, a resposta é negativa.

- Queríamos um quarto.
- Só tem um, o outro se arranja. O outro vai ter que procurar noutra pensão.
- Um. Um chega.
- Mas as meninas que vocês trazem, são de maior? Nada de virgem pra cá.
- Não trazemos. (HECKER, Literatura, p.20, 1980).

A partir do momento em que a Dona dos quartos percebe que o mesmo vai ser usado por dois homens, e não por um homem e uma mulher, ela nega o pedido dos rapazes, não cedendo o quarto a eles. Logo, podemos compreender que até para experimentarem o amor homoerótico, em um espaço privado, os homossexuais encontram resistência. A obra mostra que até mesmo espaços para se ter e exercer o prazer, *Randevu*, as *Pensões*, etc., não fogem de uma regra tradicional. E também mantêm o exercício da prática sexual “natural”.

Os discursos médicos, científicos, jurídicos, sociais etc. acabam que configurando toda uma rede de teias, espaços, se disseminando e sendo incorporando socialmente. Logo, a pensão em que Jorge e Eli pediram quarto não é lugar para gays, para homossexuais, para “anormais”, é lugar para os heterossexuais, para os que não fogem da “verdadeira identidade”. Os espaços sociais refletem os discursos.

Após a negativa feita pela dona do primeiro pensionato, Jorge e Eli continuam andando de carro pela cidade, até que na terceira tentativa encontram um pensionato onde se instalam. Mas ao saber que o mesmo seria usado por dois homens, a senhora do pensionato tira proveito da situação: “No terceiro *Randevu*, havia quarto, mas a dona, pelo modo já suplicante com que Jorge o pede, resolve cobrar cem cruzeiros pela noite, ao invés dos regulares trinta” (HECKER, *Literatura*, p.20, 1980).

Mesmo com o preço exorbitante do quarto, Jorge e Eli decidem ficar com ele, afinal tinham rodado a noite inteira, recebendo apenas respostas negativas. Porém, Jorge estava sem dinheiro, pois o táxi consumira o valor que eles tinham. Sem dinheiro, Jorge oferece o relógio a Dona do pensionato, que se recusa a aceitar. Mas após muita insistência ela acaba cedendo e aceita o bem. Assim, Jorge volta ao quarto para terminar sua noite com Eli, seu homem, seu enamorado, após uma longa batalha na sociedade. “Enfim livre do mundo! Do mundo contra o qual lutara tanto aquela noite, que de certo modo era o resumo de sua vida, livre, livre de amar”! (HECKER, *Literatura*, p.20, 1980)

A lição que os dois contos apresentados nesse item nos impõe é que os homossexuais também amam, desejam, sentem prazer, mas que tudo isso é impossibilitado de ser vivenciado visto o preconceito social, as barreiras e obstáculos a que os mesmos são submetidos.

No primeiro conto, a paixão, o amor pode ser vivenciado sem dificuldades, mas em um local distante da cidade, dos olhos dos disciplinadores, fugindo do panoptismo social, em uma pensão mal cuidada, cujo destino final foi um incêndio e que culminou na morte dos dois personagens. No segundo conto temos o inverso: nossos personagens só conseguem experimentar seus prazeres após uma longa busca, uma longa resistência social, após um forte preconceito.

Lampião da Esquina com sua literatura põem-nos, assim, a refletir sobre as construções identitárias e sobre a realidade que os homossexuais passam para poderem namorar. Realidades estas que apesar de estarem nos relatos da ficção, eram vivenciados no mundo real, por sujeitos reais e em tempo real. Afinal, o primeiro e segundo capítulo deste trabalho nos descreve como era o imaginário e a realidade em torno dos homossexuais. O terceiro capítulo foi assim uma forma de refletir e dizer que a literatura não é apenas uma ficção, é uma representação baseada na realidade de alguém, em experiências, seja da elite ou das margens.

No caso do Lampião da Esquina, sua literatura era baseada na vida dos homossexuais, sujeitos condenados à exclusão, mas que por isso não deixaram de se enamorem e viverem suas práticas homoafetivas.

CONCLUSÃO

Os homossexuais fizeram e fazem parte de um grupo social que constantemente lutam por direitos e justiça, são agredidos, xingados e mortos. Nos dias de hoje, tem-se vários meios de lutar contra tais preconceitos, desde a utilização das redes sociais, das imprensas online, até dos protestos em ruas, ou seja, é mais forte e intensa a participação dos homossexuais nessas lutas. Nas décadas de 1970 e 80, as lutas aconteciam por meio de passeatas, protestos, por meio de imprensas locais, como o *Lampião da Esquina*.

Ainda hoje somos marcados por forte conservadorismo religioso e a homossexualidade para muitos membros da sociedade é considerada uma doença, um problema comportamental e, por isso, tratável. A intolerância social está em todos os lugares e ainda esta presente em nosso cotidiano o famoso discurso proferido na década de 1970 em que se dizia que veado tem mais é que apanhar.

Enquanto as pessoas conceberem as relações de gênero em termos de binarismos, homossexual/heterossexual, macho/fêmea, homem/mulher, onde um faz oposição ao outro, a desigualdade torna-se visível e intolerável. É necessário sair do binarismo e esclarecer que as relações identitárias são construções sociais, que não existe o certo ou errado, o anormal e o normal. O que existe são desejos e práticas que são realizados a partir de nossas carências, afetos, entre outros. Neste caso, as identidades são múltiplas assim como as formas de exercer a masculinidade seja sobre o corpo de um *gay*, de uma travesti ou de um “cabra-macho”.

É necessário resistir contra toda essa gama de preconceitos a que os homossexuais são submetidos, afinal, 38 anos após as edições do *Lampião da Esquina*, os homossexuais continuam sendo capa de muitos jornais nas seções policiais e de violência. De 1970 até os dias de hoje, algumas conquistas foram alcançadas, como, a união homossexual em cartório, outras ainda estão por alcançar, como por exemplo, a criminalização da homofobia.

Somente quando se criminalizar homofobia e punir com o rigor da lei os agressores de homossexuais é que estes poderão andar livremente na sociedade, poderão viver suas identidades de modo feliz e justo. A luta apesar de ser grande não é

impossível, afinal, basta dar o primeiro passo, e Lampião da Esquina já fez isto, cabe a nós continuar seus passos e criar nossas resistências chamando nossas minorias à luta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Jair Bueno de. **A desconstrução dos processos identitários dos gêneros sexuais em Judith Butler**. Revista multidisciplinar da UNIESP, n.11, junho, 2011.
- BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BANDEIRA, Gomes Leopoldo Marcio. **Será que ele é? Sobre quando Lampião da Esquina colocou as cartas na mesa**. Dissertação de mestrado defendida na PUC, São Paulo, 2006.
- BARROS, Assunção D' José. **Cidade e História**. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2007.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: História e Crítica de um preconceito**. Ed. Autêntica. Belo Horizonte – MG, 2010.
- CAPELLARI, Alexandre Marcos. **O discurso da contracultura no Brasil: O underground através de Luiz Carlos Maciel (c.1970)**. 2007. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COSTA, Freire Jurandir. **A inocência e o Vício. Estudos sobre o homoerotismo**. Ed. 4ª, Rio de Janeiro, Dumará, 2002.
- FERRARI, Anderson e SEFFNER, Fernando. **A “morte e a morte”... dos homossexuais**.in Revista Gênero, Niterói, vol.10, nº1, p.189-217, 2 sem.2009.
- FERREIRA, Helder. **Um pouco de literatura homoafetiva nos séculos XX e XXI**. Texto acessado no Wikipédia e postado no ano de 2013.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1. A vontade de Saber**. Ed.10ª, São Paulo, Graal, 1997.

_____ **Microfísica do Poder**. Ed.2ª, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015.

_____ **Os anormais**. Curso no collège de France. Ed. WMF, Martins Fontes, São Paulo, 2015.

GREEN, Naylor James. Além do Carnaval. **A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Ed.01, São Paulo:Summus, 2000.

HASSLER, Luís Márcio. **Direitos humanos e homossexualidade: Conquistas e Desafios – Uma contribuição**. In Revista Eletrônica interdisciplinar, Matinhos, v.3, n. 01, p.21-36, jan-jun. 2010.

HOLANDA, Helder Araújo de. **A relação espaço e desejo homoerótico no conto Amor Grego de Aguinaldo Silva**. XI Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidade. 2010.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval M. **Nordestino: invenção do “falo”**: Uma História do Gênero Masculino (1920-1940). Maceió: Edições Catavento.

_____ & CEBALLOS, Rodrigo. **Trilhas Urbanas, armadilhas humanas**: A construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980 In SCHPUN, Monica R. (org). Masculinidades. SP: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul: Edunisc.

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J. **Compêndio de Psiquiatria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

MARIUSSO, G. S. Hugo Victor. **Os corpos não mentem: Violência e homossexualidade no Brasil (1978-1981)**. Disponível in: Anais do II Congresso Internacional de História da UFG/Jataí, p.01-15.

_____. **Lampião da Esquina: Homossexualidade e violência no Brasil. (1978-1981)**. Dissertação de mestrado. UFU/MG.2015.

_____. **Lugares de diversão e repressão: Violência policial contra homossexuais no Brasil (1978-1981)**. In. Revista Discente. V.07, n.02, mai./ago. 2015.

MASSAUD, Moisés. **História da literatura brasileira: Modernismo**. São Paulo: Cultrix, 2006.

MOTT, Luiz. **A revolução homossexual: O poder de um mito**. in Revista USP, São Paulo, nº 49, p.40-59, março/maio 2001.

NETO, Almeida de Mello Luiz. **Um Olhar sobre a violência contra homossexuais no Brasil.** in Revista Gênero, Niterói, vol.04, nº01, p.33-46, 2. Sem. 2003.

PARKER, Richard. Abaixo do Equador. **Culturas do desejo, homossexualidade masculina, comunidade gay no Brasil.** Ed.2ª, São Paulo, Record, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura.** In História da Educação, Pelotas, nº14, p.31-45, 2003.

REGAL, Mescolin Haroldo. **Os presidentes e a ditadura Militar.** Arquivo Nacional, 2001.

RESENDE, de José Maria. A Ditadura Militar no Brasil. **Repressão e Pretensão de legitimidade 1964-1984.** Ed. 1ª, Londrina, 2013.

RIBEIRO, Francisco. **A escrita segundo João Gilberto Noll.** Acessado in: 05 de Abril de 2016, no site. WWW.jornalja.com.br

SCHULTZ, Leonardo e BARROS, Patrícia Marcondes de. **O lampião da Esquina: discussões de Gênero e Sexualidade no Brasil no final de década de 1970.** Trabalho apresentado no GT de Mídia alternativa, no VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade,** Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez., 1995, p. 5-22.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si literatura homoerótica e escrita de si.** Acta Scientiarum. Language and Culture. Maringá, V.36, n. 61-71, Janeiro-Março, 2014.

SILVA, da Waldir Enio. **Sociologia da Violência.** Ed. Unijuí, Rio Grande do Sul, 2010.

SWAIN, Navarro Tania. **Para além do binário: Os queers e o heterogênero.** in Revista Gênero, Niterói, v. 02, n.1, p. 87-98, 2. Sem. 2001.

PERÍODICOS

CARLOS João, SILVA Aguinaldo, Leila, Francisco. **Um juiz pelas minorias.** Lampião da Esquina, n.30. novembro de 1980, pp.13-15.

CARLOS, Luis. **Chantagem no Banheiro Central**. Lampião da Esquina, n.16., setembro de 1979, p.18.

CARNEIRO, João. Recife: **“Bamba” assassinado**. Lampião da Esquina, n.25, junho de 1980, pp.05-06.

CARNEIRO, João. Recife: **Mais uma bicha executada**. Lampião da Esquina, n.28, setembro de 1980, p.03.

FILHO, H Paulo. **Internato**. In: Lampião da Esquina, n.25, Junho de 1980, p.20.

GABEIRA, Fernando. **O que é isso, companheiro?**. Lampião da Esquina, n.18, novembro de 1979, p.20.

HILÁRIO, Pedro. **A dona Boazuda**. In: Lampião da Esquina, n.4, Setembro de 1978, p.14.

INFANTE. **Pintou o bode**. Lampião da esquina, n.0, abril de 1978, p.14.

JENIFER. **Nos becos escuros**. Lampião da Esquina, n.0, abril de 1978, p.14.

L.P. **Tendo Coragem**. Lampião da Esquina, n.34. Março de 1981, p.2.

MATOSO, Glauco. **Nos jornais, um eterno suspeito: O homossexual**. Lampião da Esquina, n.6, novembro de 1978, p.7.

MOREIRA, Carlos Antonio. **...Mas violência do sistema pode**. Lampião da Esquina, n.33, fevereiro de 1981, p.7.

NOLL, G João. **Domingo sem néctar**. In: Lampião da Esquina, n.0, Abril de 1978, p.20.

PENTEADO, Darcy. **Um apelo da tradicional família Mesquita: prendam, matem e comam as travestis!** Lampião da Esquina, n.24, maio de 1980, p.02.

PENTEADO, Darcy; SILVA, Aguinaldo, Jorge. **Dois Travestis, uma advogada: três depoimentos sobre o sufoco**. Lampião da Esquina, n.19, dezembro de 1979, pp.05-07.

PINHEIRO, Alceste. **Recordações da casa dos mortos**. Lampião da Esquina, n.32, janeiro de 1981, p.11.

_____. **Para o Dr. Eiras, fugiu a média, é doente mental...** Lampião da Esquina, n.32, janeiro de 1981, p.14.

_____ . **Morte suspeita na casa dos loucos.** Lampião da Esquina, n.32, janeiro de 1981, p.14.

PUIG, Manuel. **O beijo da mulher aranha.** In: Lampião da Esquina, n.7, Dezembro de 1978, p.20.

SANTOS, Daniel. **Pássaros da mesma Gaiola.** In: Lampião da Esquina, n.7, Dezembro de 1978, p.20.

SHURCARTZ, Jorge. **O insólito rendez-vous de Maria.** In: Lampião da Esquina, n.27, Agosto de 1980, p.20.

SILVA, Aguinaldo. **O Amor Grego.** In: Lampião da Esquina, n.19, Dezembro de 1979, p. 20.

TREVISAN, S João. São Paulo: **A guerra santa do Dr. Richetti.** Lampião da Esquina, n.26, julho de 1980, p.18.